

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA E ENSINO RELIGIOSO

Luciane Albino Feio
Rosivania Corrêa Pereira

O SER HUMANO VOCACIONADO À VIDA

São Paulo
2023

Luciane Albino Feio
Rosivania Corrêa Pereira

O SER HUMANO VOCACIONADO À VIDA

Monografia apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em Teologia do Ensino Religioso, sob a orientação do Prof. Dr. José Mario Brasiliense Carneiro.

São Paulo
2023

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, nosso criador, por cada instante de vida que Ele nos proporciona para vivermos o dom do nosso chamado à vida. Pela força que recebemos para prosseguir o nosso caminho com perseverança e amor, redescobrimos a cada dia a beleza da vida em amar e servir a Deus como pessoas consagradas.

Agradecemos à nossa família Religiosa das Irmãs Mestras de Santa Doroteia Filhas dos Sagrados Corações, por esta oportunidade de estudo em vista da missão educativa e pastoral, que colabora para “educar com amor e para a vida”, cultivando uma vida com sentido e aquecida com o amor. E por todas as oportunidades de crescimento.

Agradecemos a todos os professores que nos acompanharam neste curso e contribuíram de forma significativa para a nossa formação como educadoras, possibilitando-nos meios e instrumentos que nos ajudaram a repensar a nossa ação pedagógica, em particular na sala de aula. A nossa imensa gratidão aos professores que nos auxiliaram na construção do nosso TCC, Professor José Mario Brasiliense Carneiro e Professora Karolayne Maria Vieira Camargo de Moraes.

Somos gratas a todos os nossos colegas do curso, que empreitaram este percurso de estudo conosco; as partilhas da vida e da missão nos tornaram mais ricas.

A todos a nossa gratidão!

“Façamos o ser humano à nossa imagem
e semelhança” Gn 1, 26

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade analisar o ser humano como vocacionado. O primeiro chamado dirigido por Deus ao homem é o chamado à vida. Esse chamado se manifesta de forma individual e pessoal pois cada ser humano foi criado por Deus de maneira especial e única. Tendo em vista estas dimensões da vocação humana, este trabalho busca aprofundar a compreensão sobre a relação entre Deus e a criatura humana numa dimensão de chamado e resposta a uma vida plena. Buscamos analisar a relação entre Deus e o ser humano no que diz respeito à valorização da vida, tendo como base a concepção cristã de ser humano na Sagrada Escritura, no Magistério da Igreja, nos escritos da filósofa Edith Stein em relação à estrutura da pessoa humana e uma pesquisa de campo com a aplicação de um questionário. Tomamos como fio condutor alguns aspectos da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus. Percebemos que no contexto atual algumas pessoas estão perdendo o verdadeiro sentido da vida e por outro lado muitas vidas sendo desrespeitadas pelos próprios seres humanos. Por isso interrogamos: qual é o verdadeiro valor da vida? Concluimos que o gênero humano não foi criado do acaso, sua origem e seu destino final são Deus. Desta forma, esta pesquisa almeja contribuir para um despertar ao verdadeiro sentido da vida, percebendo o homem como um ser modelado daquilo que é frágil, a argila, que confere a ele a fragilidade; porém, dotado de um hálito da vida que o faz diferente e especial, cuja capacidade de amar e tecer relação com Deus e com os irmãos é uma característica peculiar.

Palavras-chave: Chamado. Vida. Pessoa Humana.

ABSTRACT

This study aims to analyze the human being as a vocation. The first call addressed by God to man is the call to life. This call manifests itself in a individual and personal way, because each human being was created by God in a special and unique way. Bearing in mind these dimensions of the human vocation, this work seeks to deepen the understanding of the relationship between God and the human creature in a dimension of call and response to a full life. We will seek to analyze the relationship between God and human beings with regard to the appreciation of life. Based on the Christian conception of the human being in Sacred Scripture, in the Magisterium of the Church, in the writings of the philosopher Edith Stein in relation to the structure of the human person and a field research with the application of a questionnaire. Some aspects of the person created in the image and likeness of God were sought as a guiding principle. It was noticed that in the current context, some people are losing the true meaning of life and, on the other hand, many lives are being disrespected by human beings themselves, so it is asked: what is the true value of life? It is concluded that the human race was not created by chance, its origin and its final destination is God. In this way, this research aims to contribute to an awakening to the true meaning of life, perceiving man as a being modeled on what is fragile, clay, which gives him fragility; however endowed with a breath of life that makes him different and special, whose ability to love and build a relationship with God and with his brothers and sisters is a peculiar characteristic.

Keywords: Called. Life. Human Person.

LISTA DE ABREVIATURAS

CDSI	Compendio Doutrina Social da Igreja
CDF	Congregação para a Doutrina da Fé
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DAp	Documento de Aparecida
DP	Dignitas Personae
GS	Gaudium et Spes
LC	Libertatis Conscientia
LS	Laudato Si
PCB	Pontifícia Comissão Bíblica
RH	Redemptor Hominis
VS	Veritates Splendor
N.P.	Documento “Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e à dignidade da procriação”

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	42
Gráfico 2	Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	43
Gráfico 3	Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	43
Gráfico 4	Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	44
Gráfico 5	Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	44
Gráfico 6	Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	45
Gráfico 7	Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	46
Gráfico 8	Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	46
Gráfico 9	Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	47
Gráfico 10	Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	47
Gráfico 11	Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.	48
Gráfico 12	Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	49
Gráfico 13	Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	49
Gráfico 14	Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	50

Gráfico 15	Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.	50
Gráfico 16	Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	51
Gráfico 17	Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.	52
Gráfico 18	Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	52
Gráfico 19	Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	53
Gráfico 20	Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.....	53

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A VIDA HUMANA NA SAGRADA ESCRITURA	14
2	O “HOMEM” NO MAGISTÉRIO DA IGREJA	21
3	A PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN	31
4	PESQUISA DE CAMPO	40
4.1	O que é o homem?	41
4.2	O que é a vida?	45
4.3	O que é a consciência?.....	48
4.4	O que é a liberdade?	51
	CONCLUSÃO	55
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade analisar o ser humano como vocacionado. A palavra “vocacionado” vem do latim *vocare* que quer dizer “chamado”. O termo, em geral, diz respeito à relação do ser humano com Deus. O primeiro chamado dirigido por Deus ao homem é o chamado à vida. Esse chamado se manifesta de forma individual e pessoal, pois cada ser humano foi criado por Deus de maneira especial e única. No livro de Jeremias (1, 5), encontramos a seguinte passagem que indica esse chamado pessoal: “Antes de formar-te no ventre materno, eu te conheci; antes de saíres do seio da tua mãe, eu te consaguei e te fiz profeta entre as nações”.

A palavra vocação significa também “ser convocado” para algo, ser escolhido para alguma missão específica. O livro do Gn (2, 7) evidencia essa ação criadora: “o Senhor modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o sopro da vida, e o homem se tornou um ser vivente”. Essa vida tem sentido e faz sentido na medida em que o homem e a mulher se multiplicam e trabalham, fazendo uso da natureza que lhes foi também confiada por Deus, como vemos um pouco antes no livro do Genesis (1, 28).

Tendo em vista essas dimensões da vocação humana, este trabalho busca aprofundar a compreensão sobre a relação entre Deus e a criatura humana numa dimensão de chamado e resposta a uma vida plena. Buscamos analisar a relação entre Deus e o ser humano no que diz respeito à valorização da vida. Com base nas Escrituras, no Magistério e na Tradição católica, esperamos poder revelar que a vida humana é, no fundo, uma eterna resposta que Deus mesmo dá às suas criaturas que, por sua vez, são chamadas a tomar consciência e a repensar, sua própria existência como dom inestimável de Deus.

Para concretizarmos esses objetivos, organizamos a temática em reflexões desenvolvidas em quatro capítulos, tendo como fio condutor o ser humano e as características que lhe são peculiares, bem como o aspecto essencial e universal do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

No primeiro capítulo, analisamos a vida humana partindo da antropologia bíblica, na qual o homem é apresentado como ser querido e amado por Deus. Modelado da terra, o que faz do homem um ser frágil e vulnerável, ao receber o sopro

divino toda pessoa ganha o potencial de um desenvolvimento integral que o próprio Deus concede a toda humanidade exatamente por meio do hálito (ou sopro) da vida.

O segundo capítulo apresenta o ser humano através dos documentos da Igreja que colocam em evidência os aspectos referentes à vida no que tange à dignidade dos filhos de Deus. Todo homem responde ao dom da dignidade na medida em que constrói uma relação com Deus por meio de sua própria existência no mundo.

O terceiro capítulo busca elucidar alguns aspectos da antropologia da filósofa alemã Edith Stein. Na perspectiva da fenomenologia, Stein nos apresenta a pessoa como um ser dotado de capacidades e potencialidades que fazem dela um ser humano único e irrepetível. Sem embargo, a discípula de Edmund Husserl revela a essência universal de toda pessoa como ser constituído de uma mesma estrutura que abarca as dimensões corpórea, espiritual e psíquica. Essas três dimensões são integradas entre si e se desenvolvem na medida em que a pessoa vive em comunidade.

Por fim, o quarto capítulo apresenta uma pesquisa de campo realizada com alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental e 2º e 3º anos do Ensino Médio (alunos entre 11 e 17 anos de idade). Nessa pesquisa de campo sobre o tema da pessoa humana, buscamos colocar em evidência alguns aspectos essenciais da vida, dentre eles a liberdade e a consciência. Com a ajuda desse breve estudo empírico, foi possível verificar a importância do tema da vida para os alunos e sua boa compreensão sobre temáticas bastante profundas.

Para finalizar esta Introdução, gostaríamos de trazer algumas considerações sobre o interesse das autoras deste trabalho.

Diante de tantos dramas da vida humana criada e pensada por Deus, de fato nos interrogamos com a pergunta fundamental: qual o valor da vida? Na perspectiva da fé cristã, é possível afirmar com segurança que o homem é vocacionado à vida; mas será que todas as pessoas conhecem ou reconhecem esse dom?

O desafio de traduzir uma visão cristã para as pessoas distantes da fé é muito grande. Como explicar que toda pessoa, de alguma forma, tece uma relação com Deus na medida em que vive a sua liberdade? Como demonstrar que todo ser humano foi criado para o amor e para amar, buscando a cada dia o seu Criador? Segundo McKenzie (1983, p. 960), a vida humana é um bem fundamental pois “quando lahweh

dá vida a um homem, ele torna o homem feliz e não o encaminha para seus inimigos. Assim, a vida é, em si, o bem básico, sem o qual não é possível, outro bem”.

Por fim, podemos dizer que o interesse pelo tema do valor da vida surgiu a partir dos estudos feitos no contexto da disciplina Antropologia Teológica. Ficou claro naquele curso que o homem é a criação mais perfeita de Deus. Porém, em virtude das mudanças culturais e históricas ao longo do tempo, o ser humano parece ter perdido a noção sobre o valor da própria vida. Observamos nos dias de hoje que a vida é muitas vezes desrespeitada e até mesmo dilacerada com muita facilidade. A violência que observamos na realidade concreta das pessoas demonstra que foi perdido o sentido da vida. Em muitos casos a fragilidade humana se manifesta na destruição de um semelhante com quem convive na intimidade de uma família ou de um bairro. Isso sem falar no grande drama das guerras em dezenas ou centenas de áreas de conflito espalhadas em toda Terra.

Em suma, é fundamental conhecer o comportamento do gênero humano no mundo atual cada vez mais complexo. Um mundo em que as situações de pobreza, o estilo de vida, as estruturas econômicas e políticas contribuem, paradoxalmente, para que o homem se distancie de si mesmo e do outro. Apesar da dignidade universal de cada ser humano, observamos uma sede de sentido para própria existência, algo que ficou agravado com o isolamento decorrente da pandemia do COVID 19.

Na conclusão deste trabalho, evidenciamos que o homem não é resultado de um acaso. Sua origem e sua vocação são partes fundamentais do projeto amoroso de Deus, artífice da vida. Dessa forma, este trabalho almeja contribuir para um redespertar consciente para o valor da vida e da existência humana. A vida merece ser protegida exatamente por ser algo frágil e vulnerável. A vocação de todo homem, e todos os homens, é reconhecer-se como um ser criado por Deus por amor para gozar da vida e de uma vida em abundância.

1 A VIDA HUMANA NA SAGRADA ESCRITURA

A revelação bíblica apresenta a vida humana como dependente da ação divina pois Deus, na sua eterna misericórdia, modela o homem dizendo: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1, 26). Os atributos concedidos ao homem o constituem um ser na sua totalidade e dignidade, reconhecendo a Deus como autor da vida.

A Sagrada Escritura apresenta um percurso antropológico e uma iluminação bíblica sobre quem é o ser humano no mais profundo de sua essência. A questão fundamental sobre quem é o homem é central para que se possa adentrar neste grande mistério. Sobre a natureza humana, o artista e teólogo Marko Rupnik (2005) afirma que:

o fundamento do ser humano tem os alicerces na sua criação que aconteceu mediante a Palavra que Deus lhe dirigiu. O homem “se torna” tal na medida em que, literalmente, é chamado à vida por meio da Palavra que o próprio Deus lhe dirige. Por conseguinte, o ser humano foi criado, de alguma forma, na mente de Deus, enquanto o próprio Deus, desde o princípio, era *Lógos*, a Palavra, ou seja, o diálogo. Desse modo, o homem é chamado à existência como interlocutor de Deus (p. 89).

O chamado é uma iniciativa Deus que, na sua liberdade, escolhe criar o homem. Este, por sua vez, também na liberdade, responde ao dom do chamado de Deus. É Deus quem inicia um diálogo com o primeiro homem, Adão, que representa toda a humanidade criada. A criação é o começo de um longo caminho relacional entre Deus e o homem. É o início da história da salvação que se repercute por toda a eternidade, na medida em que as marcas de Deus estarão impressas no coração de toda Humanidade.

O salmo 8, 4-5 expressa a admiração da grandeza de Deus e de sua criação externando, por meio do escritor sagrado, a sua contemplação: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas, as coisas que criaste, que é o ser humano, para dele te lembrares, o filho do homem para que o visites?”

Esta mesma expressão se repete em Hb 2, 6 da seguinte forma: “Mas alguém em certo lugar testemunhou, dizendo: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes?”.

No livro do Gn, capítulo 1, o Senhor Deus é apresentado como o Criador, aquele que na sua ação amorosa vai criar, plasmar e formar. Deus primeiramente cria o céu, a terra e todos os outros seres. Por fim, ao criar o homem, o contempla como uma obra especial de suas mãos e que lhe causa admiração: “Viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 31). Nessa perspectiva, o ser humano é formado por algumas características particulares e a sua diferença frente às demais criaturas consiste em integrar na sua constituição o corpo, a psique e o espírito.

A Pontifícia Comissão Bíblica - PCB (2022, p. 27) traz algumas características retiradas das duas narrações de Gn 1 e Gn 2, que tratam da criação do ser humano. A segunda narração elucida a criação do homem como a primeira obra feita por Deus: “Deus modelou o homem com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente” (Gn 2, 7). A partir dessa leitura, é possível notar algumas características peculiares do ser humano que congrega, ao mesmo tempo, uma dimensão de fragilidade e outra de potencialidade.

A Pontifícia Comissão Bíblica (2022) explica que:

A finitude e a grandeza caracterizam, portanto, a visão dos autores bíblicos com relação ao ser humano, reconhecido como uma criatura, por conseguinte, não criado de si mesmo, ligado ao pó e à terra, frágil e ameaçado de morte e, mesmo assim, vinculado a seu Criador por uma relação especial e única (p. 29).

O fato de o ser humano ter sido feito da terra é uma marca característica que remete à fragilidade, àquilo que é efêmero. Significa também a finitude humana e a morte. No entanto, esse atributo de fragilidade não se fecha como um limite, pois o homem é dotado de uma outra dimensão transcendente. O fato de Deus escolher plasmar o homem já é um sinal de predileção, de amor e de cuidado da parte do Criador em favor do homem feito para o reencontro com Ele na eternidade.

Afirmamos com isso, mais uma vez, que o ser humano existe porque o amor de Deus antecede a criação. O Deus que cria por amor insere sua criatura nesse grande mistério da vida. Como criatura amada, mesmo sendo frágil e limitado, modelado do pó, o ser humano recebe algo que o distingue de todas as outras criaturas, recebe o sopro de Deus. Rupnik (2008, p. 28) afirma que o sopro recebido nas narinas contém a voz de Deus que chama o homem e este, por sua vez, passa toda a vida seguindo o chamado do “sopro”.

A ação de Deus de modelar e plasmar o homem representa um ato de predileção e delicadeza que dá forma ao ser humano. Essa forma singular com que o homem foi criado dá ao indivíduo um valor diferenciado de todos os outros seres vivos. Mais do que isso, Deus entra em comunhão com o ser vivente, pois essa criatura única foi modelada e projetada para corresponder ao seu Criador. É somente nessa aliança com Ele que o ser humano se realiza plenamente e vive sua dimensão de comunhão, ao percorrer seu caminho na busca de Deus.

Guardini (1963, p. 184) faz uma relação entre a pessoa humana e a pessoa divina, o “eu (humano) e o tu (Deus)”, salientando que essa relação é essencial e indispensável para o ser humano. Afirmar também que tudo no mundo é “palavra de Deus”, pois na sua relação com o homem e as coisas criadas, Ele permite que a pessoa seja destinada a entrar em diálogo com Ele. Afirmar ainda que “a essência da pessoa reside no fato de ser chamada, isto é, de ser amada por ele. Sua realização consiste em responder a esse apelo, isto é, “em amar a Deus” (*ibid*, p. 210) e na resposta, direcionar todo seu ser ao seu Criador.

O sopro de Deus não é simplesmente a respiração, mas é algo que vai além e faz com que o ser humano seja diferente dos animais e das outras realidades criadas. Esse sopro concede ao ser humano um potencial divino, a força vital, o hálito da vida.

O sopro vivificou o ser humano, pois o ato de insuflar (*rûah*) deu-lhe a vida. Esse sopro penetra inteiramente o homem em todo o seu ser e é por meio dessa ação de Deus que ele recebe a vida espiritual. É desse dom de se tornar um ser vivente que brota a sua vocação em resposta à vontade de Deus, seu Criador.

Deus plasma o homem daquilo que é frágil, porém não é a fragilidade que prevalece. Ao contrário, “são as mãos e o sopro de Deus a darem coesão e vida ao que é efêmero, frágil e inconsistente” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2022, p. 28).

A Pontifícia Comissão Bíblica (2022) explica que ao mesmo tempo em que o ser humano é um ser finito, é também um ser que carrega em si uma grandeza, uma potência dada pelo seu Criador. Criada não por seu próprio desejo ou mérito, a pessoa tece com seu Criador uma relação única e especial.

O documento ainda reforça a seguinte ideia: “Criatura, entre outras criaturas, o ser humano está, não obstante, em relação de responsabilidade com os outros seres

que fazem parte de seu mundo: nisto está também sua grandiosidade” (p. 29-30). O homem se torna um elo de comunhão com o seu semelhante, bem como entre ele e seu Criador, em harmoniosa relação com as demais criaturas. Se reforça ainda mais uma característica particular do homem enquanto ser de comunhão ou ser relacional.

Podemos constatar que nenhum homem veio ao mundo por sua própria vontade. Deus pensou o homem desde a origem do mundo e o criou à sua imagem e semelhança, dando a ele o poder de dominar sobre a criação, como também nos diz o livro do Gn 1,26-27:

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou.

Batistella e Ertl (2016, p. 1) falam da dignidade do gênero humano, destacando também outras características importantes:

Sendo a pessoa humana um ser social, comunional, criado à imagem e semelhança de Deus, é capaz de estabelecer um diálogo com o Criador e responder, livre e conscientemente, Àquele que o criou no amor, por amor e para o amor.

Ser criado à imagem e semelhança de Deus, demonstra também que o homem foi dotado de uma “natureza especial”, pois o Criador presenteia a existência humana com uma “extraordinária dignidade” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2022, p. 48).

Segundo Ventura (2020, p. 62), a “imagem se refere à aparência visível, concreta, ao que é material”. Ou seja, o ser humano recebeu um corpo, que é imagem daquele de Deus. É um atributo muito expressivo que vincula o Criador à criatura formada. Para o mesmo autor, a semelhança é também o fator que distingue o ser humano dos animais.

Por isso, ele explica: “O Símile é o elemento que nos faz semelhantes a Deus e diferentes dos outros animais. É imaterial, imortal, sensível e racional personalidade. É o Símile que nos une ao Divino e nos torna santificados, ou seja, separados” (*ibid*, p. 65). A semelhança é chamada pelo autor como “a porção de Deus no homem”.

Graciani (2016, p. 27) elucida que o homem é plasmado a partir de um ato livre de Deus e se distingue das outras criaturas pelo fato de ser “capaz e chamado a responder, pela palavra e ação, ao apelo de Deus, tendo assim, uma relação imediata

e única com o Senhor absoluto do mundo”. Deus na sua liberdade, chama a pessoa à vida, dá-lhe uma existência, e o homem, na sua liberdade, também acolhe esse chamado.

Para Graciani (2016), o homem criado à imagem e semelhança “significa que se confia ao ser humano o exercício da função divina de domínio e providência. A condição de criatura o eleva à dignidade de um ser pessoal, livre e que dispõe de si mesmo” (p. 27). Dessa maneira, podemos afirmar que a dignidade do homem é um valor inestimável que muitas vezes o próprio homem não é capaz de compreender ou desconhece.

A criatura humana foi formada para louvar o seu Criador, viver na plenitude do ser e na busca do transcendente. Mesmo tendo pecado, Deus oferece sempre uma forma de regenerá-lo – pelo Cristo, imagem perfeita de Deus:

Assim está escrito: “O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente”; o último Adão, espírito vivificante. Não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual. O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, dos céus. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são dos céus, ao homem celestial. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial (1Cor 15, 45-49).

Muito se tem falado acerca do homem, do seu desenvolvimento e da busca de novos aprendizados. Fala-se também da sua relação como seu semelhante a quem deve contemplar como imagem do próprio Deus. Como ensina o evangelho de São João 1,12-13:

Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus.

O ser humano é chamado a uma comunhão de relação entre o universo e Deus. O homem é um ser que busca e anseia a plenitude por meio das relações harmônicas com Deus e com o próprio homem. Somente a pessoa pode viver consciente daquilo que é e do que escolhe a cada dia. O homem é consciente da existência do seu Criador, pois é dotado da capacidade de viver a dimensão física e espiritual. Isso lhe é conferido a partir da criação, por ter sido feito imagem e semelhança de Deus.

De Fiores e Goffi (1993, p. 512) definem três atributos que o homem tem: ele “é carne, é alma, é espírito”. Para exemplificar e esclarecer esses termos que integram

a totalidade do homem, os autores afirmam que a carne “é um termo que indica não só a parte externa do homem, a qual corresponderia ao elemento biológico ou material, mas ao ser humano que, relacionado com Deus, se apresenta mortal, frágil e débil” (*ibid*, 1993, p. 512). Para ilustrar essa dimensão corpórea e de fragilidade humana, o profeta Isaías 40, 6-7 faz esta comparação: “toda a carne é erva e toda a sua beleza é como a flor do campo: a erva seca, a flor murcha, quando sopra sobre ela o vento de Javé”. Certo de que a fragilidade é inerente à existência humana, essa fragilidade tem como suporte a ação de Deus que sustenta e ajuda o ser humano a superar-se. No louvor pelo dom das criaturas criadas, o Salmo 104, 29-30 apresenta Deus como um provedor, aquele que provê tudo ao ser humano. Todavia, fala também do poder sobre a vida do homem: “se lhe tiras a respiração, perecem, voltando ao pó. Envias o teu sopro e eles são criados”. A dimensão carnal remete também à fragilidade do pecado e demonstra que a criatura é dependente do seu Criador.

O segundo termo é a alma que seria “um modo característico de todo o eu: indica o ser humano enquanto vivo, enquanto alguém que participa do princípio da vida” (DE FIORES; GOFFI, 1993, p. 512).

Por fim, o terceiro termo é o espiritual, o homem é espírito, o que seria a vida do homem unida àquela vida divina: “é a vida dada por Deus e orientada para ele; é existência originada por Yahweh e vivida segundo a tua vontade” (*ibid*, 1993, p. 512).

Eclesiástico 17, 1-8, sintetiza a ação de Deus em favor do ser humano, mostrando o seu querer benevolente:

Da terra o Senhor criou o homem, e para ela o faz voltar novamente. Concedeu aos homens dias contados e tempo medido, e deu-lhes poder sobre todas as coisas que existem na terra. Revestiu-os com a sua própria força e os criou à sua imagem. Infundiu em todos os seres vivos o temor para com os homens, para que estes dominassem as feras e pássaros. Deu-lhes discernimento, língua, olhos, ouvidos e mente para pensar. Encheu-os de ciência e inteligência, e também lhes mostrou o bem e o mal. Infundiu o seu temor na consciência deles, para mostrar-lhes a grandeza de suas obras. Eles louvarão o seu nome santo, cantando a grandeza de suas obras.

O homem tem a capacidade de conhecer e perceber a grandeza de Deus em tudo que se manifesta: “Os olhos dos homens contemplaram a grandeza da glória de Deus e seus ouvidos ouviram a majestade de sua voz” (Eclo 17, 11).

O chamado de Deus é uma forma de manifestar à sua criatura o seu amor e a liberdade de responder aos seus apelos. É por meio da ação de Deus que o ser

humano traz em si os traços do divino e uma eterna busca. Sua missão é viver harmonicamente, buscando tecer relações e crescer na comunhão. Dessa forma, o homem se torna um guardião da criação conforme a vontade de Deus que o escolheu para continuar criando. O homem colabora com a Criação gerando a vida e a ação divina ajuda-o a superar suas inerentes fragilidades.

Buscar compreender o ser humano significa adentrar um mistério que é primeiramente de Deus e que envolve a natureza humana. A Sagrada Escritura mostra, com tudo o que apresentamos, um itinerário que revela uma antropologia bíblica. O itinerário da existência humana se renova a cada dia e faz resplandecer a imagem e semelhança com um Deus que ama e infunde amor na sua criatura predileta.

A vida é, portanto, o primeiro chamado de todo ser humano. Existir é por si só uma resposta da criatura ao seu Criador. E viver bem, em uma filial relação com o Criador, é a forma ideal que o homem encontra ao trilhar os seus passos. Viver é uma resposta concreta ao dom de ser chamado por Deus. O mesmo Deus que cria, capacita o homem para corresponder ao seu amor livre segundo a sua vocação.

2 O “HOMEM” NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

A concepção de ser humano, segundo o magistério da Igreja, desenha o percurso sobre esse ser dotado de inteligência e vontade, capaz de decidir sobre si mesmo e os outros.

O Catecismo da Igreja Católica – CIC (JOÃO PAULO II, 2000, N. 2258) traz o aspecto do sagrado:

A vida humana é sagrada porque desde sua origem ela encerra a ação criadora de Deus e permanece para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim. Só Deus é o dono da vida, do começo ao fim, ninguém, em nenhuma circunstância, pode reivindicar para si o direito de destruir diretamente um ser humano inocente.

Dessa maneira, o homem tem a missão de responder ao amor de Deus que o tornou vocacionado desde a eternidade. Quando lhe deu o sopro da vida, também lhe cumulou de todos os bens necessários para bem viver o dom recebido. Para o homem, Deus provê tudo, para que possa responder com liberdade ao amor que lhe é doado gratuitamente. Assim também afirma o CIC (JOÃO PAULO II, 2000, N. 2288, p. 596): “A vida e a saúde física são bens preciosos doados por Deus. Devemos cuidar delas com equilíbrio, levando em conta as necessidades alheias e o bem comum”.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a vida é um dom valioso, e a Sagrada Escritura nos leva a compreender o valor da vida. Como fala o Salmo 139,13-14: “Sim! Pois tu formaste os meus rins, tu me teceste no seio materno. Eu te celebro por tanto prodígio e me maravilho com as tuas maravilhas”.

O homem é a criação mais perfeita, chamado livremente à vida, e o próprio Deus revela a grandeza dessa criatura:

Portanto eu digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? (Mt 6,25- 27).

Notamos o cuidado do Criador com sua criatura, deixando-a livre para seguir o seu caminho vivendo da forma que escolher, utilizando o livre arbítrio para fazer as suas escolhas com consciência e inteligência. Sabemos que o homem tem uma

história iluminada por Deus e que ele também tem a capacidade de direcionar a sua existência, porque é dotado de inteligência e razão para discernir entre o bem e o mal. Mas o homem precisa compreender que ele é um administrador e não um proprietário da vida, pois Deus é o único proprietário.

A pessoa é livre porque foi criada assim e permanece livre para aderir ou não ao Criador. O CIC (JOÃO PAULO II, 2000, N. 1747), afirma: “O direito ao exercício da liberdade é uma exigência inseparável da dignidade do homem, sobretudo em matéria religiosa e moral. Mas o exercício da liberdade não implica o suposto direito de tudo dizer e fazer”.

Dessa maneira, livre, o homem deve ter consciência de sua existência e também que ele é possuidor de um corpo e de uma alma criados por Deus, como também clarifica o CIC (JOÃO PAULO II, 2000, N. 2289, p. 105) em relação a isso:

Unidade de corpo e de alma, o homem, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor. Não é, portanto, lícito ao homem desprezar a vida corporal; ao contrário, deve estimar e honrar o seu corpo, porque criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia.

Assim, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Este, por sua vez, sempre está à procura de sua criatura e jamais a deixa sozinha; manifesta-se sempre muito benevolente, permitindo ao gênero humano a liberdade de crescer e construir sua vida.

Deus autor e origem de tudo, ao criar o ser humano, confere-lhe uma marca particular. Essa manifestação se dá por meio do amor; a sua dimensão espiritual, relacional e de comunhão é conferida também ao homem (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2005, p. 33), com o desejo de que ele se encontre com sua grandeza e beleza como criatura, sendo sua origem Deus e seu fim último também.

Ao ser criado, o homem recebe uma identidade, um chamado que lhe é particular como pessoa. Para elucidar melhor, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja – CDSI (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2005) reforça o valor desse ato de Deus:

Dizem-nos que a criação do homem e da mulher é um ato livre e gratuito de Deus; que o homem e a mulher constituem, porque livres e inteligentes, o *tu* criado de Deus e que somente na relação com Ele podem descobrir e realizar o significado autêntico e pleno de sua vida pessoal e social; que estes,

precisamente na sua complementaridade e reciprocidade, são a imagem do Amor Trinitário no universo criado; que a eles, que são o ápice da criação, o Criador confia a tarefa de ordenar segundo o desígnio do seu Criador a natureza criada (p. 34).

Desse modo, o CDSI (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2005) nos faz refletir sobre o ser humano *imago Dei*, ou seja, criado à imagem e semelhança de Deus, que recebe a dignidade de filho e de ser pessoa.

Deus põe a criatura humana no centro e no vértice da criação: no homem (em hebraico *Adam*), plasmado com a terra (*adamah*), Deus insufla-lhe pelas narinas o hálito da vida (cf. Gn 2, 7). Portanto, “por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas uma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com o seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar” (p. 72).

Essa compreensão do gênero humano é importante, pois nos revela aspectos como o autoconhecimento, a liberdade, a relação interpessoal e a profunda comunhão com o seu Criador.

O indivíduo é modelado para ser habitado por Deus. À medida que se deixa encontrar por Ele, reconhece-se naquilo que ele realmente é e conseqüentemente encontra-se com o sentido único de sua vida. A abertura a Deus é uma qualidade do ser humano.

Esta relação com Deus pode ser tanto ignorada como esquecida ou removida, mas nunca pode ser eliminada. Dentre todas as criaturas, com efeito, somente o homem é “capaz” de Deus (*homo est Dei capax*). O ser humano é um ser pessoal criado por Deus para a relação com Ele, que somente na relação pode viver e exprimir-se e que tende naturalmente a Ele (CDSI, p. 73).

Segundo a doutrina social da Igreja, o gênero humano à luz da revelação cristã revela a identidade e a sua vocação; reafirma o valor da pessoa humana e revela um pouco da sua missão como pessoa criada.

Toda a pessoa é por Deus criada, amada e salva em Jesus Cristo, e se realiza tecendo múltiplas relações de amor, de justiça e de solidariedade com as outras pessoas, na medida em que desenvolve a sua multiforme atividade no mundo. O agir humano, quando tende a promover a dignidade e a vocação integral da pessoa, a qualidade das suas condições de existência, o encontro e a solidariedade dos povos e das nações, é conforme ao desígnio de Deus, que nunca deixa de mostrar o Seu amor e a Sua Providência para com Seus filhos (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2005, p. 34).

Quando o ser humano consegue reconhecer a sua dignidade e a dos irmãos, colabora de forma significativa para a construção do bem e da vida, acolhendo os designios do Senhor. Ressalta também a importância do chamado para a vida e para a reciprocidade nas relações.

Desde sempre o homem foi escolhido por Deus para ser neste mundo, sujeito de salvação e de santificação, como ensina o CIC:

O aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus. Este convite que Deus dirige ao homem, de dialogar com ele, começa com a existência humana. Pois se o homem existe é porque Deus o criou por amor e, por amor, não cessa de dar-lhe o ser, e o homem só vive plenamente, segundo a verdade, se reconhece livremente este amor e se entrega ao seu Criador (JOÃO PAULO II, 2000, N.27).

Segundo a Sagrada Escritura, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus; Ele o criou para a sua Glória e por isso todas as criaturas humanas têm dentro de si o desejo de buscá-Lo constantemente. Portanto, podemos afirmar que a vida só é plena se estiver ligada a Deus. “O homem é por natureza e por vocação, um ser religioso, porque provém de Deus e para Ele caminha. O homem só vive uma vida plenamente humana se viver livremente sua relação com Deus” (JOÃO PAULO II, 2000, N. 44).

Observa-se aqui que a palavra “religioso” remete ao conceito de “religar” ou ainda, “relacionar-se” com Deus. Pela fé e de acordo com o ensinamento da Igreja, Deus desde sempre quis ter com o homem uma relação de proximidade.

Por outro lado, na cultura ocidental contemporânea, a sociedade adota um estilo de vida que muitas vezes contraria a dignidade da natureza humana desejada por Deus. Criado livre para decidir sobre seu destino, muitos colocam acima da vida o poder, a riqueza e a tecnologia. Com isso, a vida humana, com toda a sua dignidade, cede espaço a outras coisas e à idolatria. Conforme descreve o Documento de Aparecida (2007, N. 387):

A cultura atual tende a propor estilos de ser e viver contrários à natureza e à dignidade do ser humano. O impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero se transforma, acima do valor da pessoa, em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo na organização social. Diante dessa realidade, anunciamos, uma vez mais, o valor supremo de cada homem e de cada mulher.

Com esse e outros documentos, a Igreja Católica anuncia os valores e denuncia os desvios que a sociedade contemporânea assume para si mesma. Aberta ao diálogo, mas posicionando-se com coragem, procura sempre ressaltar que a vida humana é um acontecimento divino. Por isso, deve ser respeitada desde a concepção e em todas as etapas da existência da pessoa. Do ponto de vista cristão, a vida é um ato sagrado inviolável, como afirma novamente o documento:

Proclamamos que todo ser humano existe para e simplesmente pelo amor de Deus que o criou, e pelo amor de Deus que o conserva em cada instante. A criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança é um acontecimento divino de vida, e sua fonte é o amor fiel do Senhor. Por conseguinte, só o Senhor é o autor e o dono da vida, e o ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrada, desde sua concepção, em todas as etapas da existência até sua morte natural (*ibid*, N. 388).

Por essas razões, a vida humana deve ser salvaguardada pela sociedade e pelo Estado. No entanto, não somente nos dias de hoje, mas ao longo da história da humanidade, muitas vidas são desrespeitadas. Surge a partir dessa constatação um interrogativo: como fazer para que o ser humano possa valorizar e compreender o valor da dignidade humana?

Ao chamar à vida a pessoa, Deus confia-lhe a capacidade de viver com dignidade. Como nos ensina o documento *Dignitas Personae* (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2008, N. 6): “O respeito de tal dignidade é devido a cada ser humano porque este traz impresso em si, de maneira indelével, a própria dignidade e o próprio valor”.

Podemos afirmar, portanto, que a vida humana é o bem mais importante quando comparado a toda Criação. Dito de outra forma, o homem está acima de todas as coisas criadas por Deus. E mais do que isso, cabe ao homem a missão de cuidar das demais criaturas.

Juntamente com o ser humano, a natureza, nos dias atuais, encontra-se também em situação de extrema vulnerabilidade. Acompanha a desvalorização das pessoas, a depreciação do ambiente em que se vive. É como ensina a encíclica *Laudato Si* (FRANCISCO, 2016, N. 48) do Papa Francisco: “O desequilíbrio da ecologia humana corresponde ao desequilíbrio da ecologia ambiental”. Todos os dias nos deparamos com pessoas sendo massacradas pela situação social e econômica

em que vivem e sendo violadas no seu direito de se desenvolver integralmente, desde o nascer até a morte.

É preciso ter em conta que o plano de Deus para o homem, desde sempre, é o de criar um ser dotado de intelecto e vontade livre. A respeito dessa inteligência e da razão humana, a carta encíclica *Redemptor Hominis* – RM (JOÃO PAULO II, 1979, N. 12) nos diz:

No desempenho desta missão, olhemos para o próprio Cristo, Aquele que é o primeiro evangelizador, e olhemos também para os seus Apóstolos, Mártires e Confessores. A Declaração sobre a Liberdade Religiosa põe a claro, de modo bem convincente, como Cristo e, em seguida, os seus Apóstolos, ao anunciarem a verdade que não provém dos homens, mas sim de Deus — «a minha doutrina não é tão minha como daquele que me enviou», ou seja, o Pai embora agindo com todo o vigor do espírito, conserva uma profunda estima pelo homem, pela sua inteligência, pela sua vontade, pela sua consciência e pela sua liberdade. De tal modo, a própria dignidade da pessoa humana torna-se conteúdo daquele anúncio, mesmo sem palavras, mas simplesmente através do comportamento em relação à mesma pessoa livre.

Parece paradoxal que um Deus que tanto ama a sua criatura humana o deixe também livre para escolher entre o bem e o mal, a vida ou a morte. A liberdade humana é de uma beleza e grandeza indescritível. Nesses últimos tempos, observamos que a escolha do ser humano nem sempre é por promover a vida. Por conseguinte, se ele não consegue construir uma vida com sentido, ele vai pouco a pouco perdendo a relação consigo e com Deus. O documento novamente afirma:

O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente. E por isto precisamente Cristo Redentor, como já foi dito acima, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é – se assim é lícito exprimir-se – a dimensão humana do mistério da Redenção. Nesta dimensão, o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade. No mistério da Redenção o homem é novamente “reproduzido” e, de algum modo, é novamente criado (*ibid*, N. 10, p. 11).

Dentre todas as criaturas visíveis, somente o homem é capaz de conhecer a Deus que o chama para partilhar a sua própria vida. A razão humana é o fundamento da dignidade do homem chamado a uma aliança de amor com o seu Criador. A resposta a esse chamado só pode ser dada livremente. Como ensina a carta encíclica *Veritatis Splendor* – VS (JOÃO PAULO II, 1993, N. 54): “O homem descobre uma lei que não impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer”.

Todo ser humano é constituído de um corpo material e de uma alma espiritual. Essas duas dimensões humanas devem ser cuidadas da mesma forma. A dimensão biológica é fundamental para a existência humana e por isso, de forma alguma, uma pessoa pode desprezar, desrespeitar ou causar danos ao próprio corpo e dos demais. Não se pode esquecer que, na perspectiva cristã, o corpo humano é templo de Deus.

Uma pergunta que sempre nos rodeia desde a infância e juventude é: o que é a vida? Existem várias maneiras de responder a essa pergunta a partir das próprias vivências humanas. Reconhecemos em nós a dimensão psíquica inerente aos instintos e reações. Percebemos também a dimensão biológica muito ligada aos cinco sentidos. E na idade da razão nos damos conta da inteligência e da vontade. Todas essas dimensões se apresentam de modo integrado como dons do Criador, como explica o CIC (JOÃO PAULO II, 2000, N. 1710):

Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe revela sua altíssima vocação. Dotada de alma espiritual, inteligência e vontade, a pessoa humana, desde sua concepção é ordenada para Deus e destinada à bem-aventurança eterna. Busca sua perfeição na procura e no amor da verdade e do bem.

Compreende-se que Deus deseja que cada pessoa tenha consciência sobre si mesma, não somente sobre a sua existência terrena, mas também na perspectiva da vida eterna. A chamada “transcendência humana” está vinculada à dimensão da alma. O corpo é perecível, porém, a alma é imortal. No momento em que uma pessoa se dá conta de sua própria dignidade, ela logo se apercebe que as atitudes que assumir na vida terão impactos sobre a sua própria existência. O senso de responsabilidade sobre si e sobre o próximo andam juntos.

A vida humana não se reduz à vida do corpo. Quando se faz uma dissociação entre corpo e alma parece que a dimensão biológica é algo desprezível. Por outro lado, também a existência reduzida à mera existência corporal distorce o ser humano na sua integridade. Essa é a porta para a violência e para morte. Todos os dias milhões de pessoas sofrem diversos tipos de violência. A violência física propriamente dita por meio de armas, a violência da fome, da doença e da marginalização. Quantos seres humanos abandonados pelas ruas vivem como se fossem transparentes à sociedade?

A esse respeito, a Pontifícia Comissão Bíblica (2022) ressalta:

A maldade desenfreada da humanidade, particularmente na forma de imoralidade e violência, havia corrido o risco de acabar com o plano do Criador. O ser humano chamado a dar a vida e protegê-la, paradoxalmente revelou-se destruidor da obra divina. Era, então, necessária a intervenção de Deus, apresentada em dois aspectos: por um lado, o aspecto dramático, do terrível castigo do dilúvio que suprime os culpados, envolvendo também todas as espécies vivas; por outro lado, o aspecto salvador, representado por Noé com sua família e todas as variedades de animais, que iniciam uma espécie de nova criação com uma nova humanidade (N. 50, p. 51).

Como já dito acima, o ser humano foi criado para cuidar e proteger a si mesmo e ao seu semelhante. Trata-se da única criatura sobre a terra que Deus, pela sua vontade, quis para si mesmo. A expressão mais acabada do amor de Deus pelo homem está no fato de ter impresso em toda pessoa humana a sua própria imagem.

Reitera-se, portanto, que a vida humana é sagrada, como aponta o documento Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e à dignidade da procriação (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1987, N. 5, p. 9):

Desde o momento da concepção, a vida de todo ser humano deve ser respeitada de modo absoluto, porque o homem é, na terra, a única criatura que Deus “quis por si mesma”, e a alma espiritual de cada um dos homens é “imediatamente criada” por Deus; todo o seu ser traz a imagem do Criador. A vida humana é sagrada porque desde o seu início comporta “a ação criadora de Deus” e permanece para sempre em uma relação especial com o Criador, seu único fim. Somente Deus é o Senhor da vida, desde o seu início até o seu fim: ninguém, em nenhuma circunstância, pode reivindicar para si o direito de destruir diretamente um ser humano inocente.

Como dito anteriormente, o ser humano não veio ao mundo pelo seu próprio querer, mas pela vontade de Deus. O fato de ter sido pensado e criado por Deus como parte da criação gerou um vínculo permanente entre os seres humanos e as criaturas. O cuidado do mundo exige que a criatividade e indústria humanas respeitem as riquezas naturais necessárias para a produção de bens e serviços. A Humanidade só pode se desenvolver na medida em que o progresso se faz com respeito à Criação. O homem precisa estar em relação com o seu Criador para compreender a lógica do mundo e seus limites.

Isso não se dá de maneira isolada, ou seja, cada pessoa precisa de outras com quem possa trabalhar e relacionar-se. O ser humano é essencialmente um ser social que desenvolve suas qualidades e potencialidades no contato com os outros. Nesse sentido, aponta a Constituição pastoral da Igreja publicada como fruto do Concílio Vaticano II, a *Gaudium et Spes* (1966):

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia (N. 14).

As transformações pelas quais passaram os homens ao longo da história tiveram impactos sobre a sua relação com o mundo e com Deus. Mais do que isso, as relações interpessoais sofreram mudanças no sentido do afastamento e do fechamento ao que se chama egoísmo e individualismo. O distanciamento imposto pela vida nas cidades, as diferenças sociais e culturais e os vazios intergeracionais são alguns dos aspectos observados na sociedade contemporânea.

As pessoas passaram a viver em um mundo muito marcado pela desconfiança, no qual vizinhos tratam uns aos outros como desconhecidos. Mais do que isso, o homem tornou-se um desconhecido para si mesmo, pois deixou de lado a vida interior e a auto-observação voltando-se, sobretudo, para o mundo exterior de uma sociedade consumista. Quando o ser humano não reconhece em si e no outro a sua própria dignidade, a sua existência perde sentido.

O papa Bento XVI comentava que a solidão é a raiz fundamental de quase todas as expressões da pobreza. O ser humano empobreceu-se distanciando-se de si mesmo e dos outros. Contrariamente a tudo isso, o projeto de Deus para todos homens é um projeto de amor e de encontro. Deus ama a todos de igual maneira e sem distinções, como ensina o já referido documento *Gaudium et Spes*, (1966, N. 24):

Deus, que por todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados todos à imagem e semelhança daquele Deus que fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro gênero humano, saído dum princípio único. Todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus. E por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos. Mas a Sagrada Escritura ensina-nos que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo, “...todos os outros mandamentos se resumem neste: amarás o próximo como a ti mesmo”.

Se toda pessoa tivesse consciência da sua dignidade certamente viveria de maneira diferente. O esquecimento da dignidade é um fator que vem afetando o ser humano em várias nações. A globalização parece que fez alastrar essa realidade de maneira descontrolada. Cada vez mais as pessoas buscam somente seu próprio bem e seu próprio interesse. O estilo de vida adotado nos países ricos do hemisfério norte

foi exportado para todo o mundo e a humanidade vai se tornando cada vez mais individualista.

Essa marca individualista pode ser percebida em todos os âmbitos da sociedade, dentre eles a política, a religião e a família. O individualismo mascara o valor da dignidade com o valor de uma liberdade sem limites. Perderam valor no mercado da existência humana palavras como respeito, aceitação e bondade. Para que exercitá-las? Que vantagem se obtém em cultivar valores humanos que parecem estar ultrapassados?

Por outro lado, em meio à confusão que decorre da inversão de valores, ressurgiu atualmente a questão da beleza como caminho de superação do egoísmo. Valorizar o belo e a arte podem ser formas de vida alternativas para superar o estilo consumista e competitivo. A criatividade inata que as pessoas carregam em si mesmas pode reaproximar o homem do próprio Criador. Os recursos da racionalidade do ser humano existem para servir à promoção do bem comum.

Nesse sentido, o documento *Laudato Si* (FRANCISCO, 2016, N. 43), explica que:

Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas.

Portanto, o homem precisa crescer na consciência de que foi criado por amor e para o amor, que a vida é um dom que deve ser respeitado, protegido e que todos os dias busque dar sentido à sua vida de maneira alegre e inteligente, amando e buscando ser amado. Deus o amou desde o princípio; que o ser humano tenha plena consciência que deve manter essa relação com o Senhor, que nos chamou pelo nome, nos deu dignidade e nos salvou.

3 A PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Uma grande mulher, universitária, educadora, filósofa, conferencista, judia, cristã, carmelita e no fim da vida se tornou uma mártir e santa, assim o papa João Paulo II resume a vida de Edith Stein.

Edith Stein nasceu em Breslau na Alemanha no dia 12 de outubro de 1891, no seio de uma piedosa família judia. Ingressou na Escola Primária em 1897 e na universidade de Breslau em 1911. No ano de 1913, foi transferida para Göttingen como aluna e assistente de Husserl. A sua conversão ao catolicismo se deu no ano de 1921 e foi batizada no ano seguinte. Em Speyer, começa a lecionar no Instituto Santa Maria, em 1923. No ano de 1931, inicia seus trabalhos como conferencista.

Entra no Carmelo em Colônia e recebe o hábito de carmelita com o nome Teresa Benedita da Cruz; no período da Segunda Guerra mundial se refugia no Carmelo na Holanda. No dia 2 de agosto de 1942 é morta na Câmara de gás em Auschwitz. A sua beatificação aconteceu em Colônia na Alemanha, em maio de 1987 e no ano seguinte, em 11 de outubro, a sua canonização em Roma na Itália.

Uma mulher que tinha sede do saber e, canalizou todos seus conhecimentos e capacidades para o bem da humanidade; com os seus escritos contribui de forma magnífica para o crescimento do ser humano como ser integral que busca um sentido para a sua existência, trilhou uma longa via rumo à verdadeira fé. A centralidade na pessoa humana é uma característica particular nas investigações de Stein.

Edith Stein utiliza o método fenomenológico para explicar o sentido profundo das coisas, com suas investigações chegou à essência do ser humano, por meio da constituição do ser nas dimensões corpo, psique e espírito. Analisa também a divisão da *species* – homem e mulher, como seres dotados de singularidade, qualidades peculiares do indivíduo.

Os seus estudos se baseiam também na doutrina e escritos dos padres e doutores da Igreja. Através da escolástica conseguiu elaborar explicações sobre a natureza do ser humano, assim como utilizava-se da filosofia, da psicologia, da fisiologia, entre outras.

Stein, nas suas pesquisas, colocou em confronto a abordagem fenomenológica de Edmund Husserl e a doutrina católica. Nesse diálogo chega à essência do ser

humano. Segundo Rus (2015), a filósofa lembra sempre que a fenomenologia é um método de análise descritiva. Acrescenta ainda que é ir ao encontro das coisas, para a partir delas encontrar a verdade.

Notar as coisas de forma clara, sem resquício de dúvida, é o objetivo da fenomenologia, e para que isso aconteça “Os fatos são dados e devem ser elucidados à autopresentação na esfera das *essências*. Desse modo, eles precisam ser colocados sob um olhar puro, por meio da redução fenomenológica, que é a redução à *ideia*” (ALMEIDA, 2014, p. 8). Os fatos corroboram de maneira que esses são colocados em “parênteses” (em evidência) para que se cheguem à compreensão do sentido, da essência das coisas. Esse passo da *epoché* é o que orienta para o sentido, capta o sentido.

Stein, como estudiosa, filósofa, tem sede do saber, busca compreender a estrutura ôntica do ser humano. O que é o ser humano está presente nas suas reflexões filosóficas, pois busca entender quem ele verdadeiramente é e por que existe; essa pergunta antropológica perpassa toda a sua investigação pois é para ela uma pergunta inquietante que toca a sua existência como pessoa também.

A partir dos estudos da filósofa, Sberga (2014) elucida que o ser humano é um ser constituído de corpo, psique e espírito, mesmo que se tente separar em partes para ser explicada melhor, é difícil pois são unidas entre si e não podem ser vistas de forma unitária. Afirma ainda que o ser humano é uma pessoa, pois com suas características particulares ele pode refletir sobre suas ações, seus atos e discernir sobre si mesmo e sobre o que acontece ao seu redor.

“O ser humano na sua constituição enquanto pessoa é espiritual, é livre e vive permeado de vivências pessoais e interpessoais” (ALMEIDA, 2014, p. 4). Assim sendo, é chamado a tecer relação e não é formado para viver sozinho, isolado de outros indivíduos. A liberdade do eu é única, e mesmo estando em contato com outros indivíduos, este pode ser influenciado por eles. Porém, a pessoa é sempre livre e pode decidir seus atos em todas as circunstâncias.

A pessoa, percebendo-se como ser diferenciado por possuir a dimensão espiritual, pode conhecer-se e conhecer o outro eu que se apresenta diante de si. Por isso, Sberga (2014) diz que “[...] o ser humano, por ter uma estrutura pessoal, se

diferencia de todos os outros seres da natureza. Como pessoa, pode refletir sobre si mesmo, ser sujeito e objeto da sua própria reflexão” (p. 105).

Stein utilizou-se do método fenomenológico. Por meio da análise das vivências conseguiu compreender e concluir que o ser humano é constituído de três dimensões que não são separadas, mas integrada entre si. A partir de sua percepção antropológica conclui que “A pessoa registra em sua consciência atos de vivência de três qualidades: o ato perceptivo, que reenvia ao corpo, o ato psíquico, que reenvia à psique, e o ato intelectual, ou volitivo, que reenvia ao espírito” (SBERGA, 2014, p. 105).

A percepção é muito importante para o ser humano pois é por meio dela que ele acessa as suas vivências pessoais, esse passo é decisivo pois “a interioridade passa a ser objeto de reflexão” (ALMEIDA, 2014, p. 14).

Stein (2019), em sua obra “Ser Finito e Ser Eterno”, descreve que a percepção é um ato consciente no qual o indivíduo chega à percepção compreensiva do seu corpo vivenciado e dos chamados processos corporais, esta ação já se torna para o homem um fazer espiritual. E confirma que a “vida espiritual é o âmbito mais próprio da liberdade” (p. 395). Isso significa que é na liberdade da pessoa que ela pode gerar algo partindo de sua individualidade.

Os atos livres, as escolhas, todas as decisões, e toda ação que o “eu” realiza livremente é fruto da liberdade do ser humano de escolher, de exercitar-se como um ser livre e capaz de escolhas.

Uma característica importante é a questão do ser humano ser consciente daquilo que ele é, ou seja, dotado da capacidade de pensar e refletir sobre si e sobre as situações ao seu redor. Nesse sentido, Rus (2015) diz que a tomada de consciência do que a pessoa é e como é o seu existir são importantes, pois ajuda o homem a compreender algo mais profundo de sua vida e assumi-la de forma mais concreta e livre.

O homem tem a capacidade de perceber, de se dar conta das coisas, isso é algo característico da consciência. Ter consciência é estar presente no ato perceptivo utilizando os sentidos, somos conscientes que vemos ou tocamos algo. A pessoa age com intencionalidade, ela parte de si mesma para o objeto em questão.

Almeida (2014) explica que somente o ser humano é capaz de fazer essas experiências, e ainda explana que a consciência está ligada a dois níveis, dos atos perceptivos e daqueles reflexivos.

Para Edith, o “homem é o único ser estruturalmente revestido de corpo, alma e espírito e, por isso, dinâmico na sua formação como pessoa” (ALMEIDA, 2014, p. 16). A pessoa se desenvolve numa relação consciente nessas dimensões de forma única e irrepetível.

Quando observamos uma pessoa, notamos nela algumas características primeiramente na sua dimensão corpórea, o físico é logo percebido. É importante ressaltar a dimensão do corpo da seguinte forma:

O humano é mais que corpo (*Körper*) define-se como corporeidade, ou seja, como um corpo que vive como experiência da unidade pessoal (*Leib*). Por isso sua vida não se restringe meramente ao instinto ou às reações sensoriais, mas também se experimenta e vive como fundamento de sua vida espiritual (STEIN, 2019, p. 21).

A diferença entre o corpo animado daquele físico é a existência de uma alma. Desse modo, o corpo não é compreendido como massa corpórea somente, mas como um corpo que tem vida; por isso, faz-se necessário o pleno desenvolvimento de todas as potencialidades da pessoa na sua totalidade. A diferença entre a relação do corpo vivo e da massa corpórea é justamente a existência da alma, pois para que seja definido como corpo vivo ele deve obrigatoriamente estar ligado a uma alma. E ainda reforça a ideia dizendo que “um ser espiritual sem corpo físico é puro espírito e não alma” (STEIN, 2019, p. 391).

Kusano (2009, p. 59) elucida que a dimensão do corpo na concepção steiniana é dividida em duas modalidades: a primeira é *Körper*, significa corpo físico, isto é, “a experiência oferecida pela percepção externa do indivíduo” e a segunda é *Leib*, que “é o corpo orgânico e vivo, alcançado por meio das sensações”. Essa segunda modalidade é onde o ser humano se percebe como um corpo vivo, tendo consciência de si mesmo.

A dimensão corpórea é chamada corpo vivente (*Leibniz*), ou seja, um ser que tem corpo e psique. É através do corpo que o ser humano se percebe, sente, reflete. Sberga (2014, p. 106) explica que o corpo vivente para o ser humano é pessoal, é onde o “eu” pode manifestar-se livremente e consciente de si mesmo. Nesse aspecto,

a pessoa é diferente dos outros seres vivos, porque é dotada da consciência do “eu”. A união entre o corpo e a psique forma o corpo vivente; esse corpo é onde habita a força física e a vida.

Nos estudos fenomenológicos de Stein, o corpo do homem é vivo, com características físicas, que se move, é um organismo vivo. Conforme Stein (2000 *apud* SBERGA, 2014, p. 109) “o corpo humano, como os outros corpos, se manifesta através de um material sensorial múltiplo, e que este, na sua manifestação sensível, mostra características próprias, distintas dos outros corpos materiais”.

Para explicar a dimensão do corpo Stein define como microcosmo, ou seja, um ser que cria unidade em suas dimensões física, psíquica e espiritual. A pessoa possui um corpo vivente animal, que é dotado de uma alma animal com uma vida interior (SBERGA, 2014, p. 113). Por sua vez, a identidade humana é considerada como a parte mais central do seu interior, onde pode perceber-se como sendo ser único e singular.

A singularidade é algo trabalhado muito por Stein, pois não conseguimos compreender a existência humana se a pessoa não for vista como ser singular e único.

Sberga (2014, p. 119) elucida que o ser humano é esse ser com muitos aspectos bem particulares em sua formação, dentre eles temos a alma. A autora explicita as convicções da filósofa Stein:

O centro da alma, estudado por Stein, é a marca distintiva do ser humano. Para que o ser humano possa se desenvolver, precisaria ir ao seu núcleo, à sua profundidade, a sede da presença da verdade ou de Deus, onde se manifesta a máxima transcendência, presente na imanência.

O ser humano, nessa visão, é um ser diferente de todos os outros seres vivos; outra característica que lhe é peculiar “é a alma como forma e espírito” (SBERGA, 2014, p. 116). Essa mesma afirmação é trazida por Rus (2015): “cada ser humano é uma pessoa espiritual” (p. 30), ou seja, o ser humano é um ser espiritual, dotado de uma interioridade.

Sberga (2014, p. 125), sintetiza as dimensões da estrutura humana dizendo que “O corpo possui um organismo semelhante ao ser animal; a psique revela seus instintos, suas reações, seus desejos e impulsos; e o espírito, concebido como a alma da alma, núcleo interior da pessoa, retrata seu intelecto, vontade e razão”.

A dimensão corpórea é um corpo vivo, ou seja, esse tem a matéria e tem também a psique (SBERGA, 2014). O corpo é a dimensão material do ser humano. Para Edith, o ser humano é um ser corpóreo, tem um corpo material, ela o vê como um microcosmo, ou seja, havendo em sua constituição o corpo, a psique e a alma, essas encontram a sua unidade.

A capacidade conferida ao homem de perceber-se e sentir-se é possível porque o indivíduo é constituído da psique e do espírito. A dimensão espiritual do homem é entendida como:

o espírito, concebido como alma da alma, núcleo interior da pessoa, que retrata seu intelecto, vontade e razão, é um *plus* específico dos humanos. E por ser uma pessoa espiritual, pode tomar decisões diante de uma situação e sentir-se livre para realizar aquilo que convém [...] ele é um ser que tem consciência de seu eu; nenhum outro animal pode dizer algo sobre (SBERGA, 2014, p. 106).

Esse aspecto da pessoa é interessante, porque ele se assume naquilo que ele é e permite um viver mais consciente daquilo que deve ser e agir, tudo isso sendo regido por uma liberdade de escolha. Sberga (2014) continua dizendo: “o que diferencia o ser humano é sua atividade espiritual, que lhe permite ter acesso a sua interioridade e se tornar livre para agir com autonomia” (p. 107).

O ser humano se diferencia dos animais também por sua individualidade, aquilo que lhe é próprio. O animal não é um ser livre, ele é orientado por leis (SBERGA, 2014); o humano está ligado à dimensão do ser pessoal e espiritual.

O ser humano tem uma estrutura pessoal, ele é uma pessoa; dentro desta dimensão de pessoa ele pode manifestar a sua reflexão, a sua capacidade de discernimento em relação a si mesmo e em relação aos seus semelhantes.

Ressaltando um pouco mais a pessoa, suas particularidades, o ser vivo vem significar para Stein o homem como um ser com matéria e psique.

O ser humano não tem só estímulo, tem percepção – e essa é a primeira operação da atividade intelectual. Para Stein, a especificidade do ser humano, em relação às plantas e aos animais, é que ele pode se dar conta da unidade profunda que existe entre corpo, sua psique e seu espírito (SBERGA, 2014, p. 117).

Por sua vez, a alma é conceituada como os aspectos que envolvem a dimensão psíquico e espiritual em uma unidade. O núcleo da alma é onde a pessoa se desenvolve, é lá na profundidade que somente ela pode adentrar. Sberga (2014)

justifica a necessidade de adentrar na interioridade: “santo Agostinho diz que quanto mais se escava a profundidade, mais o sujeito adentra a interioridade, mais aberto está para analisar e acolher aquilo que vem de fora” (p. 119).

Na relação entre alma e corpo, “Stein concebe que a alma é a forma substancial do corpo, é a que permite que o corpo seja vivente e animado” (SBERGA, 2014, p. 120), pois se o corpo vivente deixa de viver e o corpo físico se decompõe, o corpo precisa da alma para ter a vida.

Stein, ao tratar da dimensão espiritual, utiliza-se de um conceito de sua própria cultura, a palavra *Geist*, que é a potência da alma.

Para darmos mais um passo na compreensão do ser humano tentaremos, a partir da contribuição de Sberga (2014), expressar o significado do *intellectus*, *mens* e *spiritus*:

Intellectus, significa a parte do espírito que conhece. Mens, que abraça intelecto e vontade significa conhecimento e tenção diante das coisas sensíveis, é uma expressão que sintetiza uma série de potências, é uma atividade superior do raciocínio. O *Spiritus* indica algo da alma, ou seja, que o ser humano tem algo em si que não é corpo e que se aproxima de outras realidades, como de Deus, que é Espírito por excelência, ou dos anjos, que são espíritos puros finitos. *Spiritus*, que corresponde à palavra *ruah* em hebraico e *pneuma* em grego, significa hálito, o sopro da vida” (SBERGA, 2014, p. 121-122).

Essas faculdades específicas do ser humano pertencem a sua dimensão espiritual e Deus, sendo espírito, doa aos seres humanos a vida espiritual. Em suma, a compreensão da pessoa parte de um pressuposto que tudo no ser humano está interligado e deve ser integrado como ser único, livre, ciente de si, dotado de uma individualidade e interioridade que o faz diferenciado, todas essas características só são peculiares e inerentes à natureza humana porque são conferidas pelo seu Criador.

Stein (2019, p. 396) traz os conceitos do eu, alma, espírito, pessoa. O eu “por ‘eu’, entendemos o ente cujo ser é vida”. Essa definição não está ligada simplesmente à existência da matéria, mas à existência do eu que surge de si mesmo, cujo ser é consciente daquilo que ele é, e habita na inteireza do homem, ou seja, o “eu” é o homem como um todo. Por pessoa se entende “o eu consciente e livre”.

Após ter compreendido um pouco mais da estrutura humana passaremos agora para a dimensão do chamado do ser humano: “o homem e a mulher têm uma vocação específica, próprio enquanto homem e enquanto mulher” (AUCANTE, 2014, p. 76).

Deus, ao criar o homem e a mulher, confere-lhes o dom da vida, o sopro da vida e junto a esse dom os chama para assumir uma missão através de sua existência. Stein parte da estrutura antropológica para chegar a algumas conclusões relevantes em seus estudos. Reitera:

Deus criou o ser humano homem e mulher, e criou-os ambos a sua imagem. A maneira de ser puramente masculina e feminina, dá o mais sublime retrato que pode ser obtido de Deus e a mais forte interpenetração de toda uma vida terrena com a vida divina (STEIN *apud* AUCANTE, 2014, p. 77).

Essa é a vocação natural do ser humano, sendo um ser psico-físico-espiritual, com características que diferenciam ambos os sexos e que lhe são particulares. Aucante (2014) diz que o ser humano é chamado a mostrar e manifestar a imagem do seu criador que está dentro de sua interioridade.

Durante o percurso de nossa existência, Deus alcança o ser humano com o seu chamado particular. Cada pessoa tem uma missão individual que somente ela é capaz de realizar: “é Deus que chama cada ser humano para realizar alguma coisa única. Essa missão, a qual cada pessoa é chamada a realizar de maneira pessoal, mas também específica como homem e mulher” (*ibid*, 2014, p. 78). Isso evidencia a necessidade do ser humano perceber-se como um ser único e singular, o qual pode e deve realizar-se dentro do plano humano e divino.

É interessante perceber como Stein buscou compreender através do método fenomenológico o ser humano, na sua totalidade e nas suas especificidades de ser masculino e feminino.

Aucante (2014, p. 81) ao explicitar um pouco sobre as características femininas afirma que “o vínculo que une alma e corpo é mais íntimo na mulher que no homem”. Outra característica é em relação à acolhida de uma nova vida em seu próprio corpo. Isso tudo é muito particular da mulher.

Segundo Edith a vocação mais profunda do ser feminino é de ser uma pessoa aberta para o amor, onde ela se abre também para as outras pessoas, dedicando-se de forma maternal (AUCANTE, 2014). Já a vocação específica do homem está ligada à paternidade; ele não nasce sabendo como ser pai, mas aprende.

Os seres humanos não estão prontos e acabados, mas estão envolvidos por um vir-a-ser, ou seja, a nossa existência está disposta por Deus desde toda a eternidade (STEIN, 1999, p. 106) e só se desenvolve plenamente eternizando-se em Deus. Pois é através de uma força vital que perpassa toda a estrutura humana e o ajuda a viver na sua exterioridade tudo aquilo que é construído dentro da sua interioridade também. É compreendendo o valor do chamado e respondendo a Deus que o ser humano encontra sentido pleno à sua vida.

A alma do ser humano deve no decorrer de sua existência chegar a “conhecer até si mesma e chegar a ser o que ela deve ser” (STEIN, 2019, p. 447), e nesse processo de liberdade humana, vai crescendo na descoberta da sua essência como pessoa. O caminho se dá através do autoconhecimento e da abertura ao mundo ao seu redor e ao transcendente. O “eu” é consciente de si mesmo e de sua vida.

Para Stein (2019, p. 473-474), o ser humano não pode chegar a sua essência sem a íntima união com Deus seu criador. Deus se revela à alma humana, é Ele mesmo que permite ao ser humano a oportunidade de participar da vida divina.

“A vida divina que se desenvolve na alma amante de Deus não pode ser outra senão a vida trinitária da divindade. Certamente, é o Deus trinitário a quem se entrega a alma”. Portanto, a união que acontece entre Deus e a pessoa gera na alma uma transformação profunda que transcorre a todo o ser da pessoa.

“A natureza espiritual da alma é postulada para sua união com Deus” (STEIN, 2019, p. 475), ou seja, a chamada vida de graça e de glória apresentada pela autora. A tarefa da alma compreende-se de três maneiras: “a autoconfiguração como desenvolvimento de sua própria essência, formação do corpo e elevação por cima de si mesma na união com Deus”.

Concluimos que a alma humana é chamada à união com Deus, permitindo-se ser a morada Dele. A vocação se concretiza com o chamado à vida eterna, pois no amor vivenciado entre os dois permite o acesso a uma vida humana habitada por Deus e eternizada com ele.

4 PESQUISA DE CAMPO

A vida é um dom de Deus, pois este é o primeiro chamado que Deus faz ao ser humano. O homem sendo chamado e querido por Deus, é amado por Ele e chamado a viver o amor como forma de resposta àquele que o chamou à vida, por isso é necessário compreender a importância da vida, da dignidade do homem e da beleza criadora de Deus. O livro do Gn 2, 7-8, ao narrar a origem da vida humana, diz que

o Senhor Deus formou o homem do barro da terra e inspirou-lhe no rosto um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. Ora, o senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado.

Percebe-se o cuidado de Deus pelo homem, que desde a eternidade foi pensado, escolhido e amado, como Ele o diz pela voz do profeta Jeremias 1, 5: “Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci, antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituo profeta para as nações”. O homem é dotado de razão e de inteligência e o Criador o fez livre para fazer suas escolhas.

No entanto, percebe-se que no cenário contemporâneo mundial, as pessoas esqueceram que a vida é um dom, que o ser humano é o sujeito mais terno do amor de Deus e, em consequência, estão cada vez mais se afastando de uma relação com Ele.

Para compreender esse fenômeno, foi realizada uma pesquisa de campo com os alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental e 2º e 3º ano do Ensino Médio (estudantes entre 11 e 17 anos) da Escola Comunitária Dom João Antônio Farina; por meio da qual foram feitas algumas interrogativas sobre **o homem, a vida, a liberdade e a consciência**.

A Escola Comunitária Dom João Antônio Farina foi fundada na cidade de Vargem Grande (MA) em 2005, tendo iniciado suas atividades no início de 2006. É administrada pela Associação de Pais, Mestres e amigos da Escola São José Operário. Tem como principal objetivo dar continuidade à proposta pedagógica do educador e bispo São João Antônio Farina, de educar com amor e para a vida, ensinando adolescentes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, do município de Vargem Grande (MA).

João Antônio Farina foi um educador com visão profética e com uma ideia sobre a mulher muito à frente de seu tempo. Ele nasceu em 11 de janeiro de 1803, na Itália, filho de Pedro e Francisca Bellame, ambos de famílias abastadas. Aos três anos de idade foi confiado pelos pais ao tio paterno, sacerdote segundo o coração de Deus, que foi seu mestre e guia, influenciando profundamente na formação de sua personalidade humana e espiritual.

Do tio recebeu a instrução elementar, os primeiros elementos da língua latina e o início dos estudos ginasiais. O tio transmitiu ao jovem sobrinho o seu rico patrimônio interior de fé e de virtudes, tornando-se seu modelo de vida sacerdotal inteiramente devotada a Deus e a todo tipo de pobreza espiritual e material.

João Antônio Farina ingressou no seminário episcopal de Vicenza e foi ordenado em 14 de janeiro de 1827. Em 11 de novembro de 1836, deu início ao Instituto das Irmãs Mestras de Santa Doroteia Filhas dos Sagrados Corações, em Vicenza, Itália. Essa Congregação nasceu com o objetivo de cuidar e educar as meninas pobres a fim de garantir-lhes o direito à educação, prerrogativa para alcançar sua dignidade enquanto pessoa e mulher na sociedade.

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa de campo realizada com os alunos de referida escola, através de um questionário a respeito do que eles pensam sobre: o homem, a vida, a liberdade e a consciência.

Como ressalta Gil (2002, p. 52):

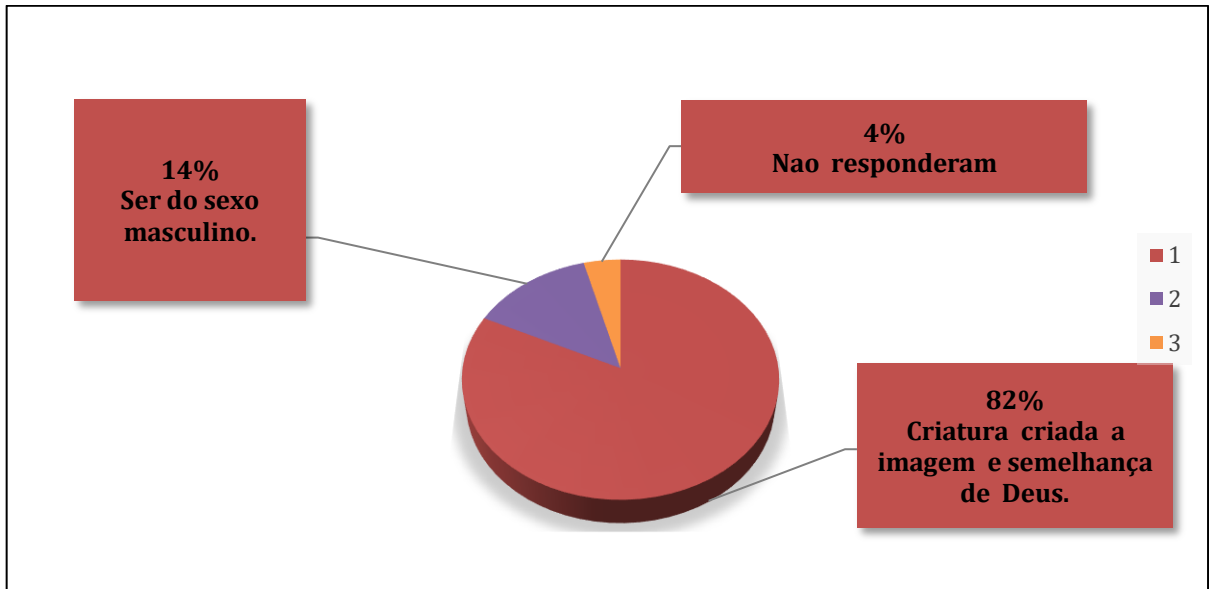
O estudo de campo apresenta muitas semelhanças com o levantamento. Distingue-se, porém, em diversos aspectos. De modo geral, pode-se dizer que o levantamento tem maior alcance e o estudo de campo, maior profundidade. Em termos práticos, podem ser feitas duas distinções essenciais. Primeiramente, o levantamento procura ser representativo de um universo definido e oferecer resultados caracterizados pela precisão estatística.

4.1 O que é o homem?

No que se refere à questão antropológica “o que é o homem?”, segundo o ensinamento bíblico, em Gn 2,7 diz: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida e o homem se tornou um ser vivente”. Nessa perspectiva, a primeira questão proposta para os adolescentes e jovens foi: para você, o que é o homem?

Para os 6º anos A e B, com total de 73 alunos, com a idade de 11 anos, o homem é: criatura criada à imagem e semelhança de Deus (82%); um ser do sexo masculino (14%). Houve alunos que não responderam (4%).

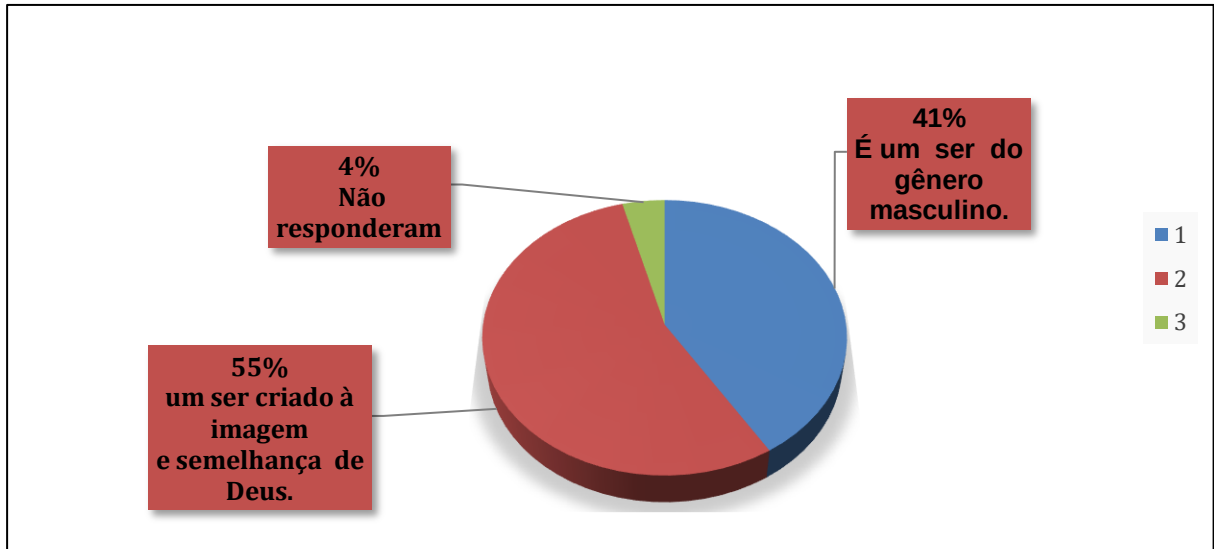
Gráfico 1 - Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os 7ºanos A e B, que tem um total de 73 alunos com a idade de 12 anos, o homem: foi criado à imagem e semelhança de Deus (55%); é um ser do gênero masculino (41%). Do total de alunos, 4% não responderam.

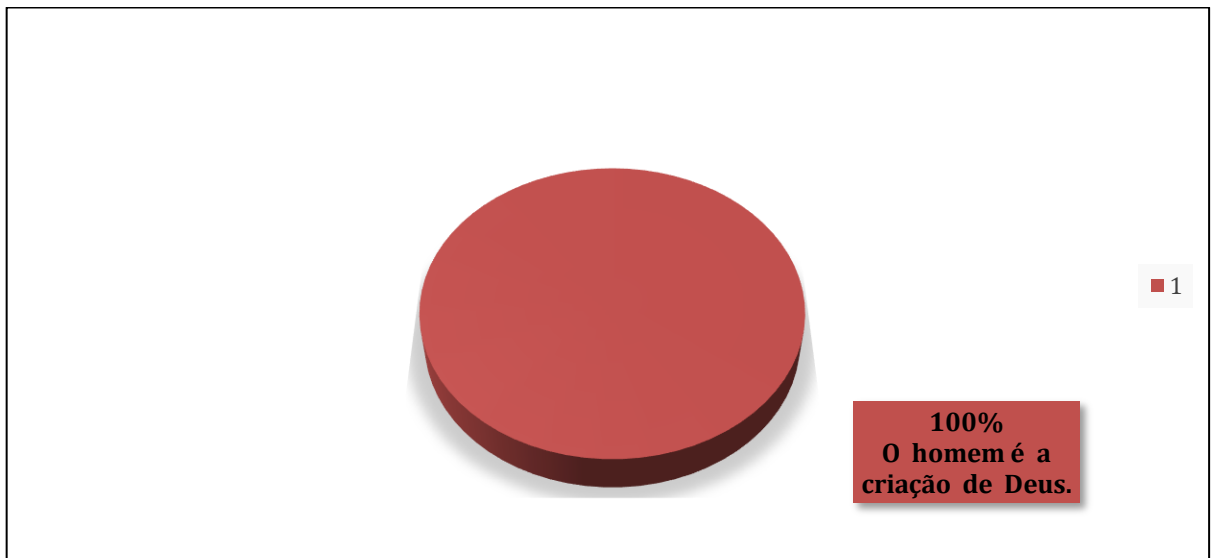
Gráfico 2 – Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os 8º anos A e B, que tem um total de 74 alunos com a idade de 14 anos, o homem é criação de Deus (100%).

Gráfico 3 – Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.

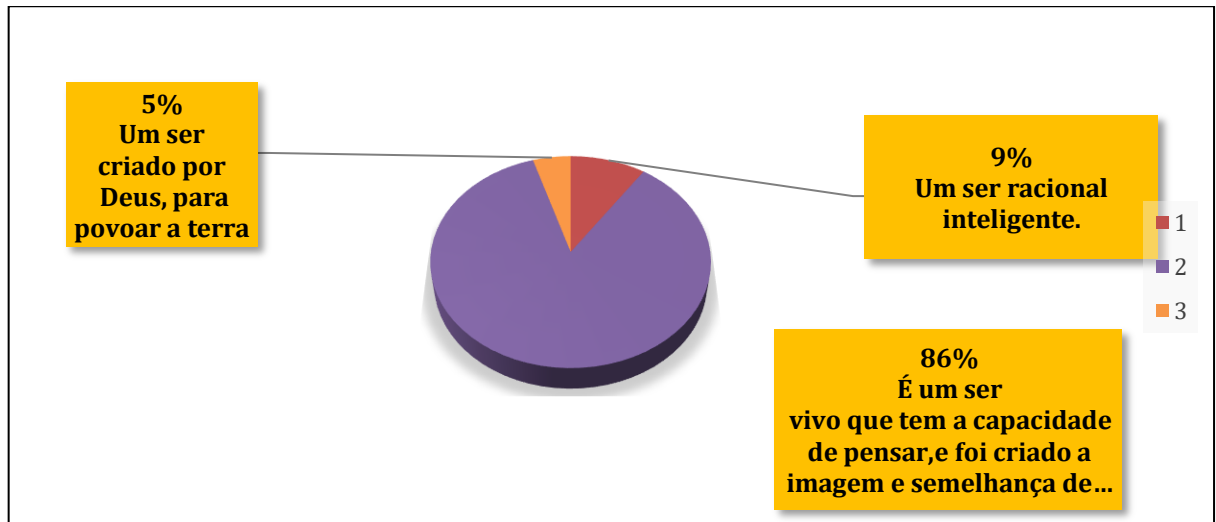


Fonte: As autoras, 2023

Os alunos 2º ano do ensino médio, que tem um total de 21 alunos com 16 anos, disseram que o homem é: um ser vivo que tem a capacidade de pensar e foi criado à

imagem e semelhança de Deus (86%); um ser racional inteligente (9%); um ser criado por Deus para povoar a Terra (5%).

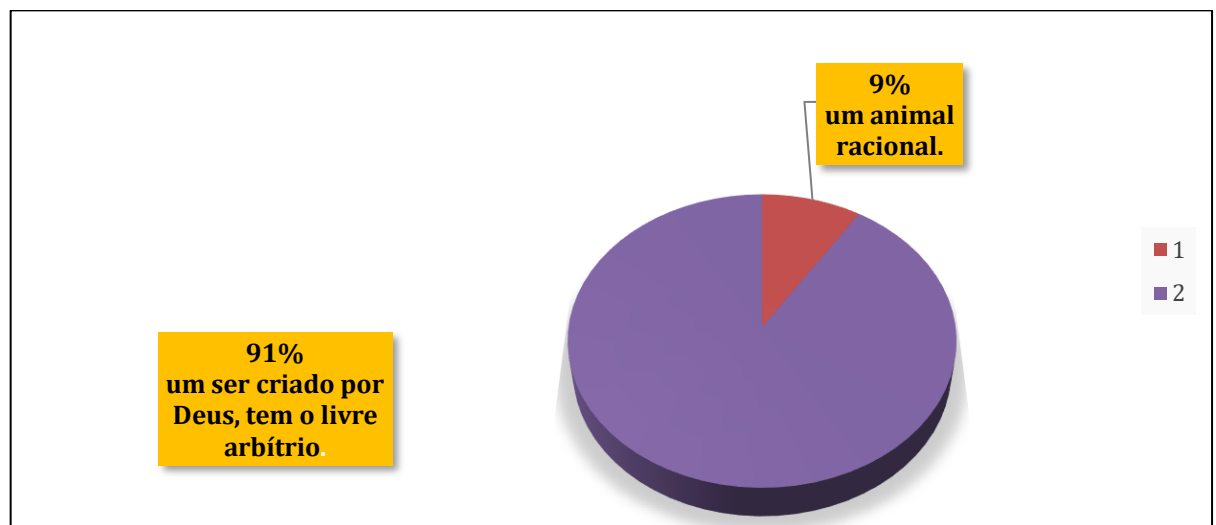
Gráfico 4 – Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Os jovens do 3º ano do ensino médio, que tem a idade de 17 anos em uma sala com 11 alunos, disseram que o homem é: um ser criado por Deus que tem o livre arbítrio (91%); um animal racional (9%).

Gráfico 5 - Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que é o homem. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

4.2 O que é a vida?

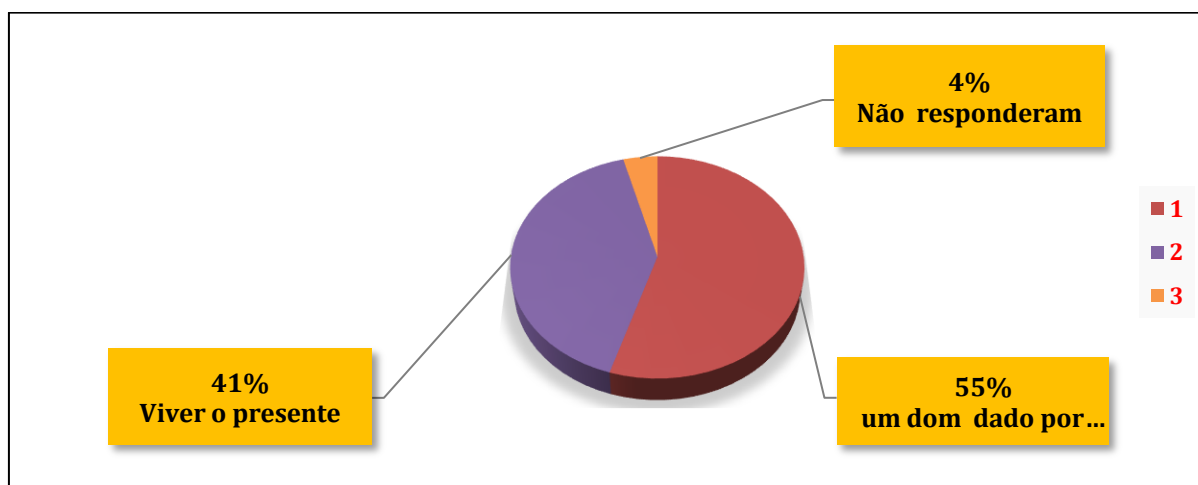
A segunda pergunta refere-se à questão existencial: “o que é a vida?” A resposta bíblica diz que Deus tem um propósito para cada homem. Portanto, a nossa vida não é em vão, mas deve ser orientada para o Pai por meio de Jesus, como diz em Jo 14, 6: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”.

Ferreira (2004, p. 816) define a vida como “um conjunto de propriedades e qualidades graças as quais animais e plantas se mantêm em contínua atividade”. A vida humana é o espaço de tempo que vai do nascimento à morte.

Também os alunos entrevistados responderam o que é a vida para eles.

Para os 6ºanos A e B, que têm um total de 73 alunos, com a idade 11 anos, a vida é: um dom dado por Deus (55%); viver o presente (41%). Do total dos alunos, 4% não responderam.

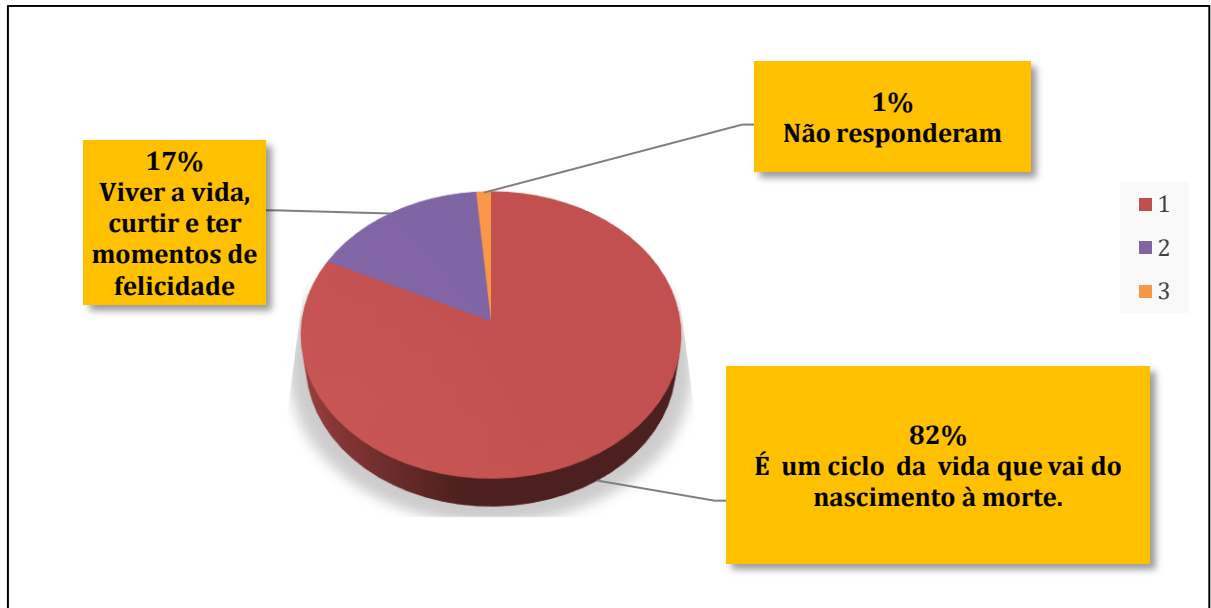
Gráfico 6 – Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os 7ºanos A e B, que têm um total de 73 alunos com a idade de 12 anos, a vida é: um ciclo que vai do nascimento à morte (82%); curtir e ter momentos de felicidade (17%). Do total dos alunos, apenas 1% não respondeu à pergunta.

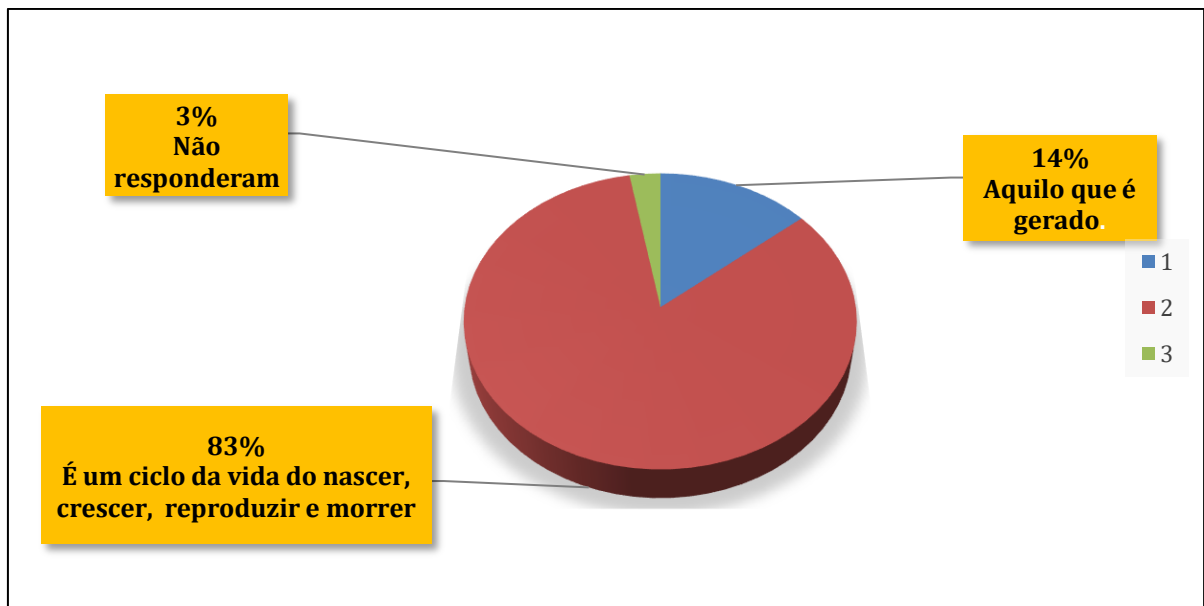
Gráfico 7 – Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os 8º anos A e B que têm um total de 74 alunos com a idade de 14 anos, a vida é: um ciclo em que o homem nasce, reproduz e morre (83%); aquilo que é gerado (14%). Do total dos alunos, 14% não responderam.

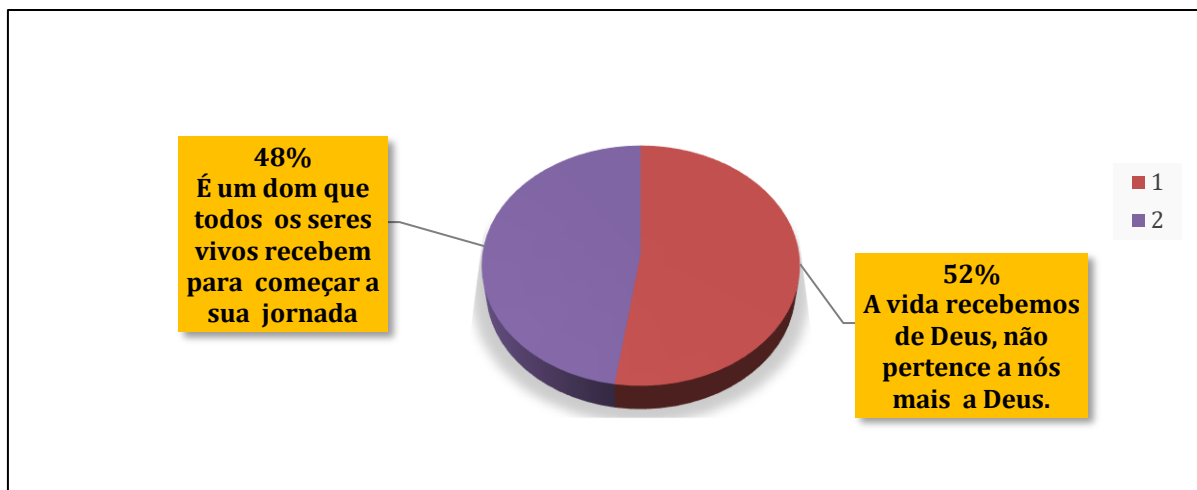
Gráfico 8 – Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Os alunos do 2º ano do Ensino Médio, que são um total de 21 alunos com idade de 16 anos disseram que: recebemos a vida de Deus, não pertence a nós, mas a Deus (52%); a vida é um dom que todos os seres vivos recebem para começar a sua jornada (48%).

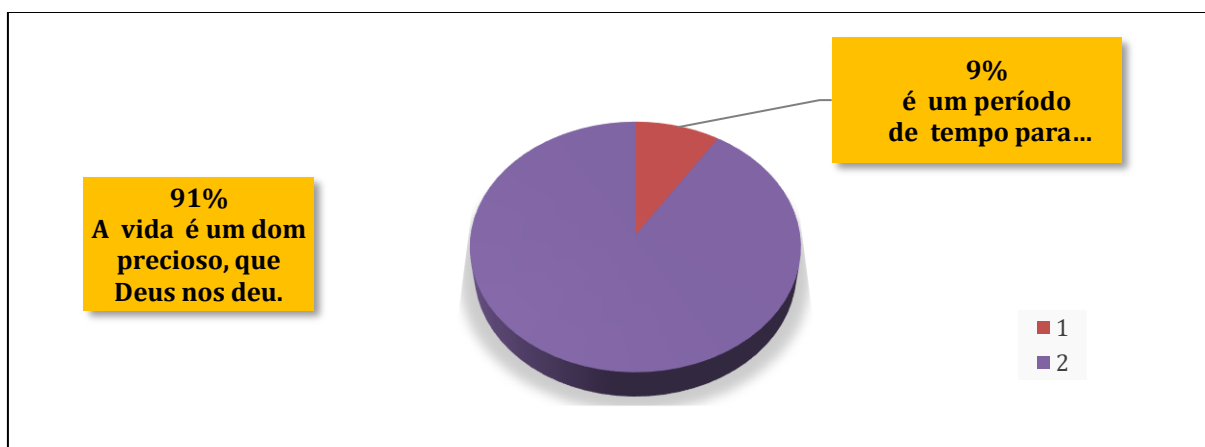
Gráfico 9 – Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Já os jovens do 3º ano do ensino médio, que têm a idade de 17 anos em uma sala de 11 alunos, disseram que a vida é: um dom precioso que Deus nos deu (91%); um período de tempo para construir boas memórias (9%).

Gráfico 10 - Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que é a vida. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



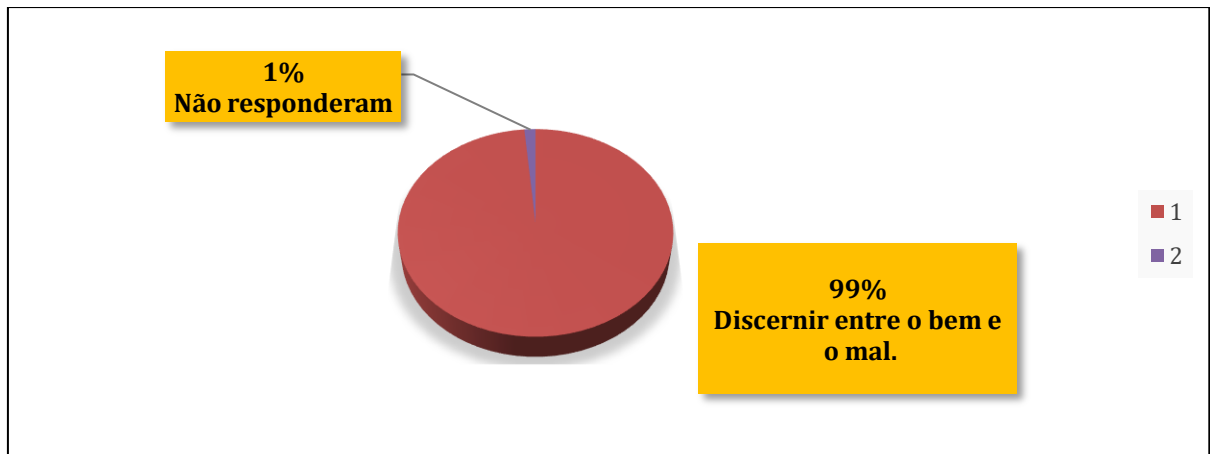
Fonte: As autoras, 2023

4.3 O que é a consciência?

Segundo Ferreira (2004, p. 259), a consciência é um “atributo pelo qual o homem pode conhecer e julgar sua própria realidade”. Como nos fala 2Cor 1,12: “O nosso motivo de ufania é este testemunho da nossa consciência; comportamo-nos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a simplicidade e a pureza que vem de Deus, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus”.

Para os 6ºanos A e B, que têm um total de 73 alunos, com a idade de 11 anos, a consciência é discernir sobre o bem e o mal (99%). Apenas 1% dos alunos não responderam à pergunta.

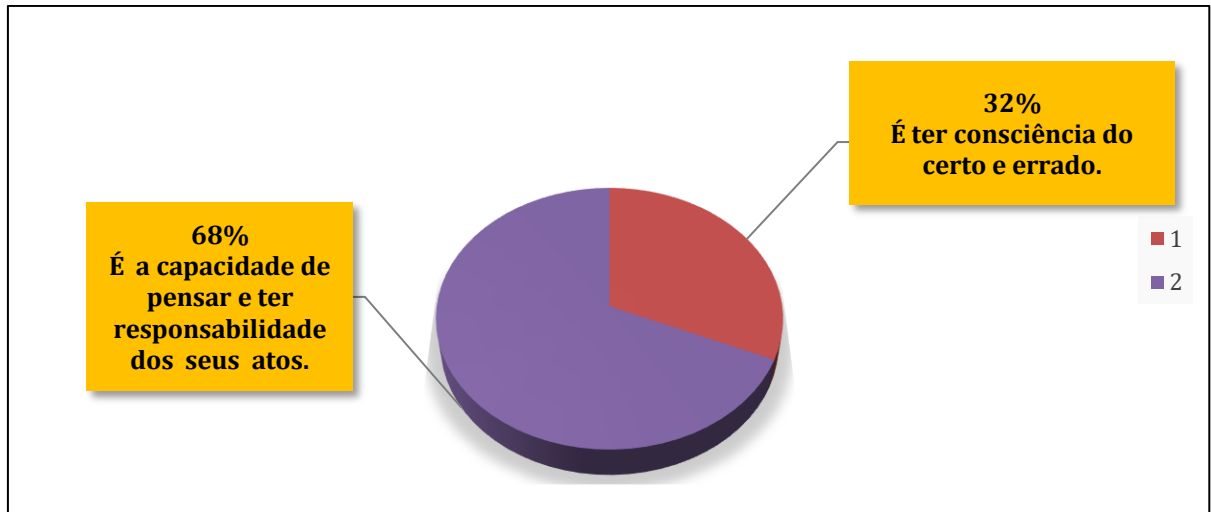
Gráfico 11 - Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os 7º anos A e B, que têm um total de 73 alunos com a idade de 12 anos, a consciência é: capacidade para pensar e ter responsabilidade sobre seus atos (68%); ter consciência do certo e do errado (32%).

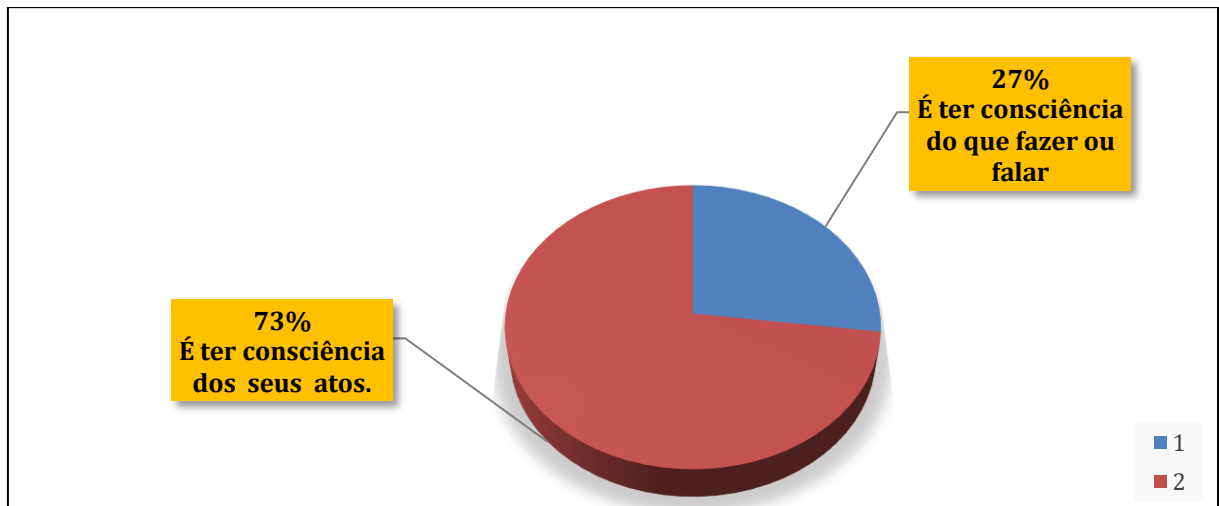
Gráfico 12 - Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Os 8º anos A e B, que têm um total de 74 alunos com a idade de 14 anos, disseram que consciência: é consciência dos seus atos (73%); é ter consciência dos seus atos (27%). As respostas se distinguem apenas pelo uso do verbo “ser” (inerência, permanente) e “ter” (posse, não permanente).

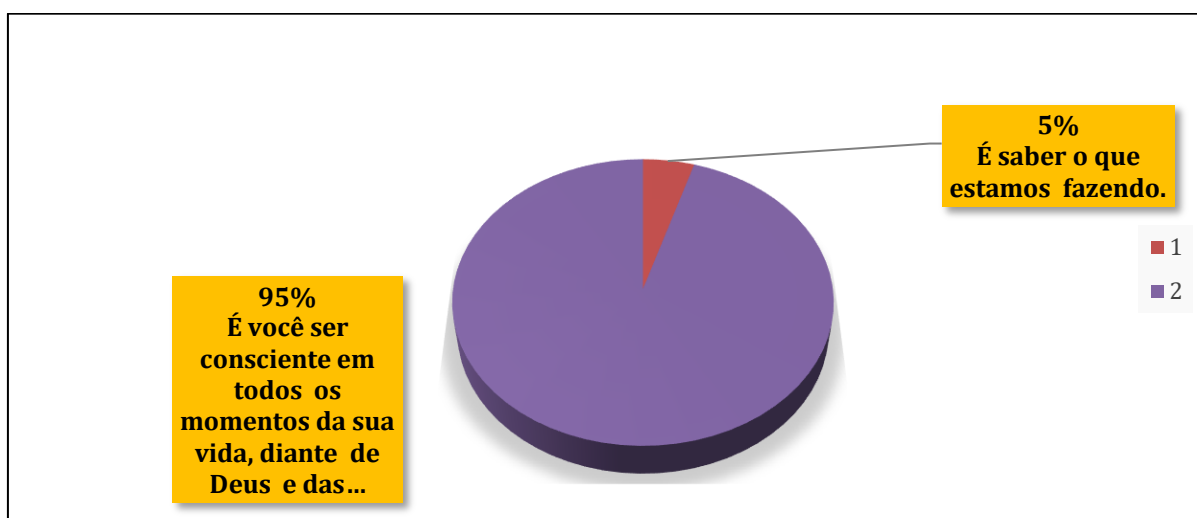
Gráfico 13 - Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Já os alunos do 2º ano do ensino médio, que têm um total de 21 alunos, com idade de 16 anos, disseram que a consciência é: você ser consciente em todos os momentos da sua vida, diante de Deus e das pessoas (95%); saber o que estamos fazendo (5%).

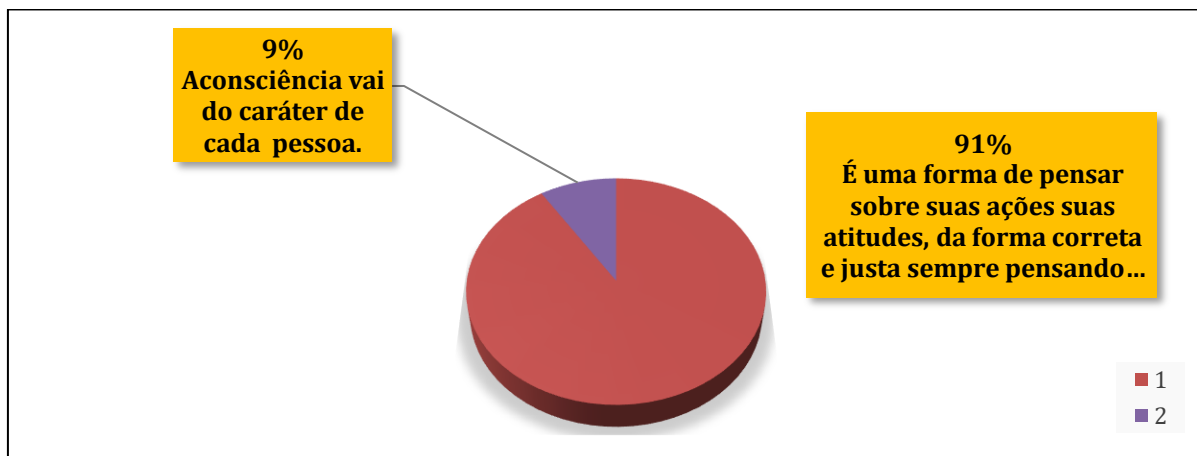
Gráfico 14 – Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os jovens do 3º ano do ensino médio, que têm a idade de 17 anos em uma sala de 11 alunos, a consciência é uma forma de pensar sobre suas ações, suas atitudes da forma correta e justa, sempre pensando em si e no próximo (91%); a consciência vai do caráter de cada pessoa (9%).

Gráfico 15 – Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que é a consciência. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

4.4 O que é a liberdade?

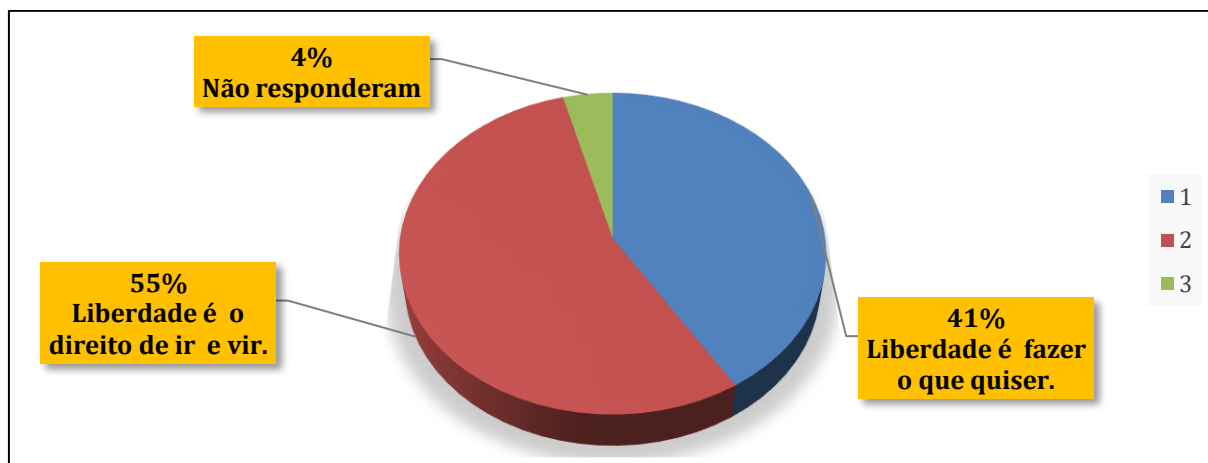
É importante ressaltar que no Evangelho de Jo 8,31-32, Jesus vai dizer que “se permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Assim, entende-se que Deus criou o homem livre para fazer suas escolhas.

O Catecismo da Igreja Católica aborda no número 173 (JOÃO PAULO II, 2000, p. 472): “A liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto, de praticar atos de liberdade”. Os adolescentes e jovens, talvez sem o pleno conhecimento do que seja a liberdade, ainda assim responderam com muita convicção. Percebe-se com isso que o próprio homem traz intrínseco no seu ser o anseio da própria existência de ser livre. O mesmo também afirma o CIC no número (*ibid*, N. 1738): “Toda pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável”.

Nesta perspectiva, os adolescentes e jovens responderam:

Para os 6ºanos A e B (total: 73 alunos, 11 anos), liberdade é: o direito de ir e vir (55%); é fazer o que quiser (41%). Não responderam a pergunta 4% dos alunos.

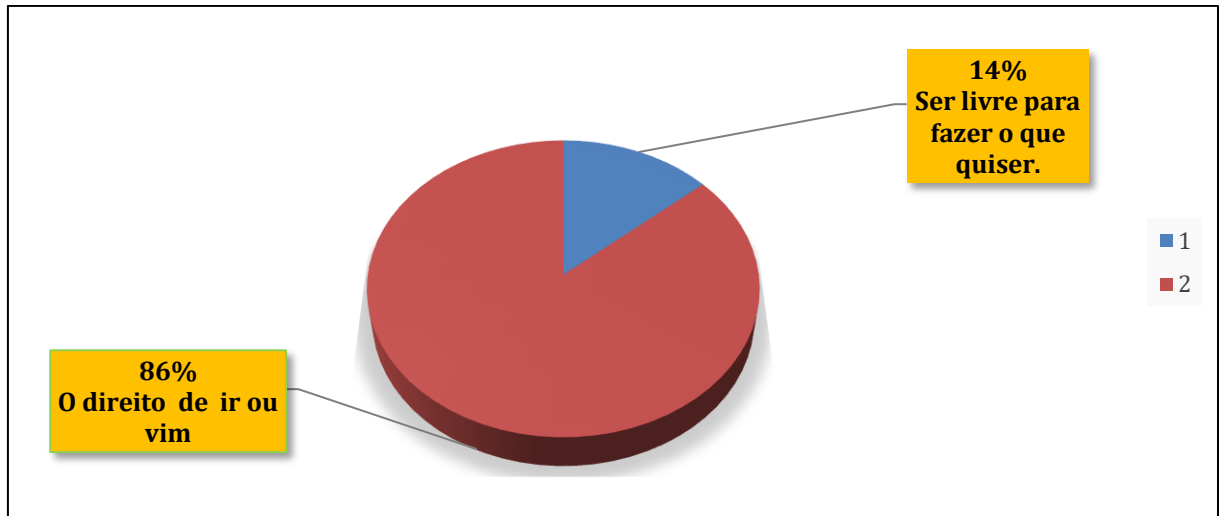
Gráfico 16 – Respostas dos alunos de 6º ano sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os 7º anos A e B (total: 73 alunos, 12 anos), liberdade é: o direito de ir ou vir (86%); ser livre para fazer o que quiser (14%).

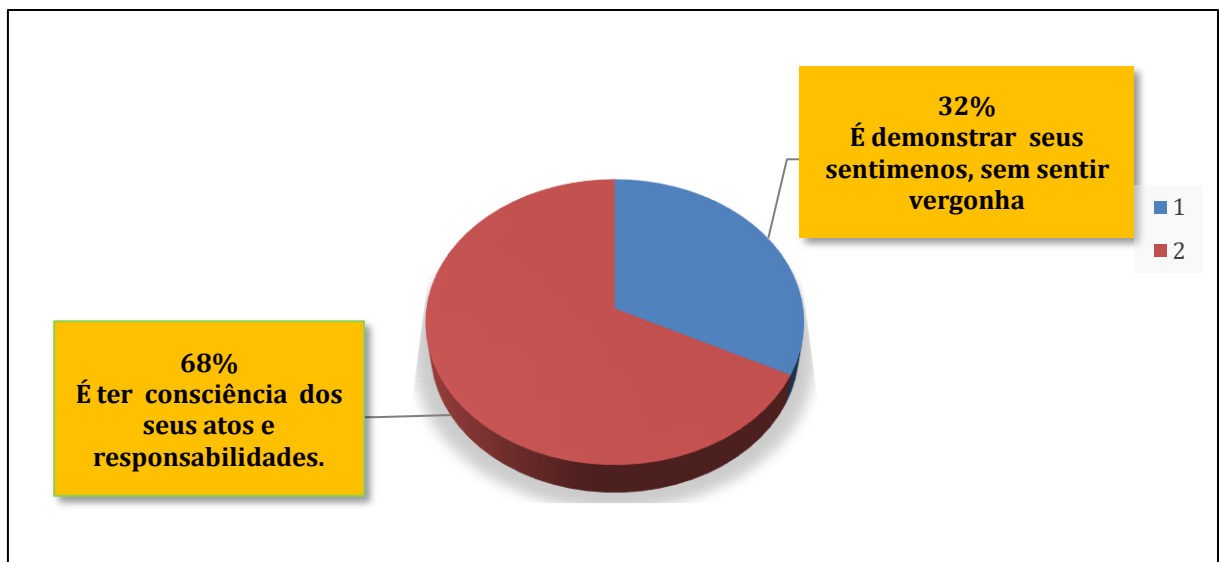
Gráfico 17 – Respostas dos alunos de 7º ano sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para o 8º anos A e B (total: 74 alunos, 14 anos), liberdade é: ter consciência de seus atos e responsabilidade (68%); demonstrar seus sentimentos sem vergonha (32%).

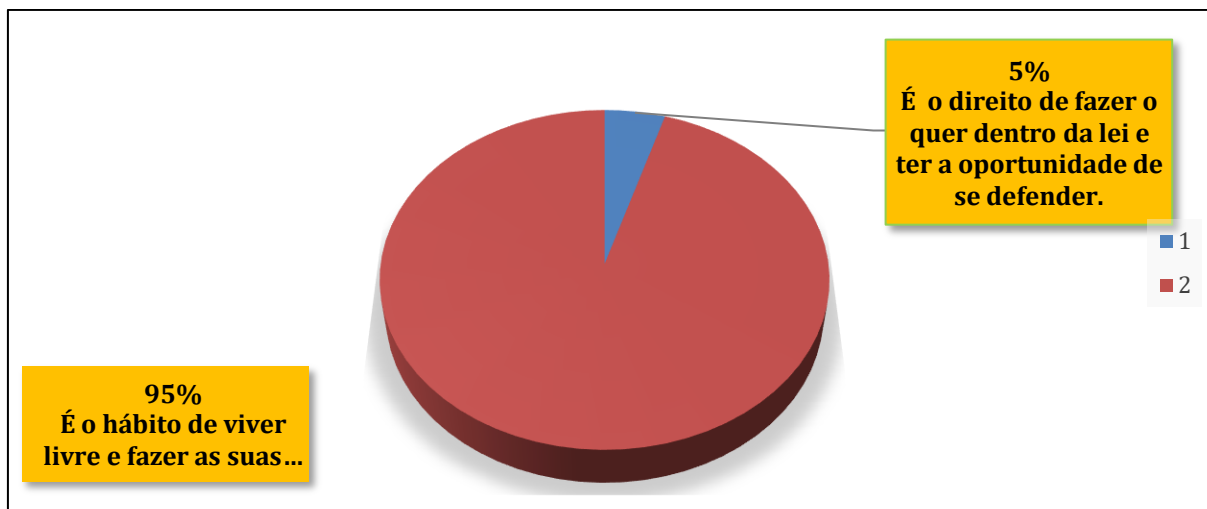
Gráfico 18 – Respostas dos alunos de 8º ano sobre o que significa a liberdade. Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os alunos 2º ano do ensino médio (total: 21 alunos, 16 anos), liberdade é: o hábito de viver livre e fazer suas próprias escolhas (95%); o direito de fazer o que quiser dentro da lei e ter a oportunidade da defesa (5%).

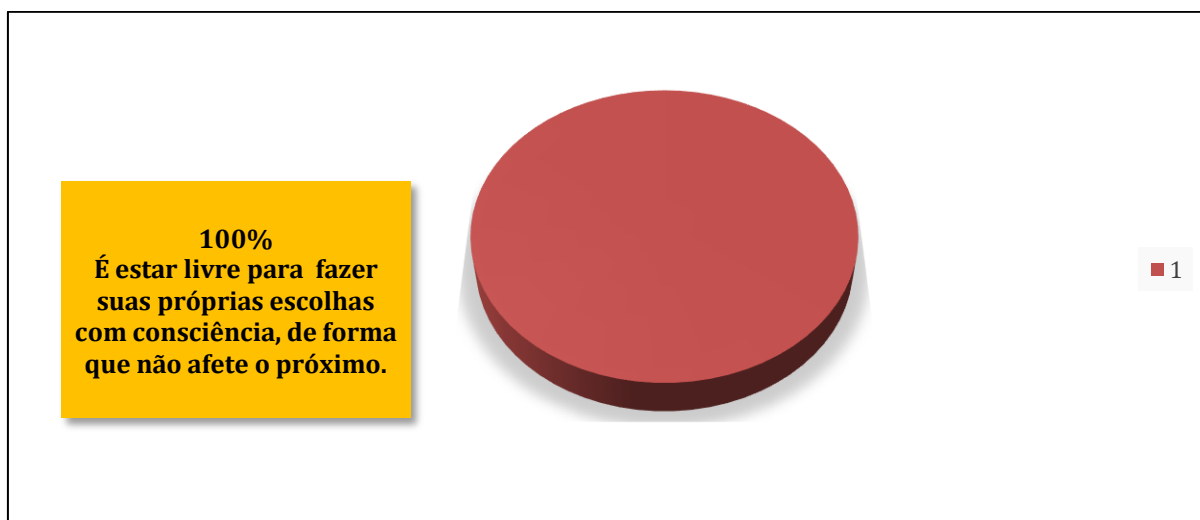
Gráfico 19 – Respostas dos alunos de 2º ano do Ensino Médio sobre o que significa a liberdade.
Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Para os jovens do 3º ano do médio (total: 11 alunos, 17 anos), liberdade é estar livre para fazer suas próprias escolhas com consciência e de forma que não afete o outro (100%).

Gráfico 20 – Respostas dos alunos de 3º ano do Ensino Médio sobre o que significa a liberdade.
Escola Comunitária Dom João Antônio Farina. Vargem Grande – MA, 2023.



Fonte: As autoras, 2023

Diante das respostas dos alunos, percebemos que há semelhanças em algumas, como também diferenças em outras, segundo a maturidade e as experiências de vida de cada pessoa.

Nesse sentido, para os alunos do Ensino Fundamental, observamos, por exemplo, no que diz respeito à questão “O que é a vida?”, que as respostas se voltam ao sentido mais concreto do ciclo da vida (nascimento, crescimento, reprodução e morte), embora também reportem ao espiritual (dom de Deus); enquanto para os alunos do Ensino Médio, verificamos que as respostas têm uma amplitude maior, que abarca elementos como saúde, felicidade, amor, cuidado, proteção, fazer o bem, conhecer, experimentar e desfrutar das coisas importantes, inclusive envolvendo aspectos espirituais referentes à vida ser sopro de Deus, bênção, dom precioso, enfim, maravilha de Deus.

É importante observar que um elemento comum, com maiores ou menores percentuais, é a percepção que os alunos apresentam sobre Deus, sempre presente em suas respostas a cada pergunta, seja sobre o homem, a vida, a consciência (citado somente pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio – 95%), com exceção das respostas sobre o significado da liberdade.

Observamos ainda, que as respostas sobre a liberdade revelam uma perspectiva circunscrita ao individualismo, voltada aos interesses próprios, embora as respostas dos alunos dos anos escolares mais avançados reportem também aos limites da lei e da consciência.

É interessante verificar que antes, ao responder sobre o que é a consciência, os alunos mencionaram o discernimento, a responsabilidade, o próximo. Provavelmente, para parte dos alunos, pelo menos os mais jovens, ainda deve ser um desafio relacionar o que percebem como “consciência” à percepção da “liberdade”.

Daí verificarmos que cada um, conforme a educação recebida, tem uma visão sobre que é a consciência na prática da liberdade. A esse respeito, embora noutra perspectiva, o documento Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação (INSTRUÇÃO, 1986, p. 3) nos ensina que:

A consciência da liberdade e da dignidade do homem, conjugada com a afirmação dos direitos inalienáveis da pessoa e dos povos, é uma das características predominantes do nosso tempo. Ora, a liberdade exige condições de ordem econômica, social, política e cultural que tornem possível o seu pleno exercício.

Nesse ponto, enfatizamos a importância da educação escolar, contexto desta pesquisa de campo, que oriente as crianças, os adolescentes e os jovens sobre as

dimensões que “cercam” e interferem em seu desenvolvimento como seres humanos, sejam elas econômicas, sociais, políticas ou culturais, presentes na família e na própria escola. Que tais dimensões não sejam determinantes, mas vivenciadas com consciência e liberdade próprias de um fator, este sim determinante: o de que somos todos, queiramos ou não, aceitemos ou não, criaturas de Deus; que podemos optar por ser seus filhos, portanto dotados de dignidade para superar os desafios impostos por aquelas dimensões, à medida que constrijam o corpo, a alma ou o espírito.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, pudemos perceber que o homem é um ser de grande valor tanto diante do Deus que o criou como também diante do mundo no qual Deus o colocou como cuidador e protetor.

O ser humano desde a eternidade foi pensado por Deus, que lhe cumulou de consciência, razão, inteligência, vontade, habilidades e potencialidades para fazer suas escolhas com liberdade. Ao ser criado, o homem traz consigo as marcas e o sopro de vida do próprio Criador, que colocou dentro dele as marcas mais profundas de si mesmo.

Diante disso, essa pesquisa refletiu sobre a questão antropológica: o que é o homem, trazida pelo Salmo 8, 5: “Que é o homem, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-lo?”. O homem é o objeto mais perfeito do amor de Deus, como também é respondido em Cântico 8,6: “coloca-me como sinete sobre teu coração, como sinete em teu braço, pois o amor é forte como a morte, o ciúme é inflexível como o Xeol. Suas chamas são chamas de fogo, uma faísca de lahweh”. Porque para Deus, o homem é o objeto do seu amor e Ele o atrai para si.

Por meio do profeta Isaías 43,4 Deus diz: “Tu és precioso aos meus olhos, és honrado e eu te amo, entrego pessoas no teu lugar e povos pela tua vida”. O homem é precioso aos olhos de Deus desde sempre.

Porém, sabemos que esse mesmo homem não é reconhecedor de sua dignidade de filho amado por Deus. A maioria de suas escolhas é viver longe dele, percorrendo caminhos errantes que levam à morte.

Não se reconhecendo como filho amado, o homem é capaz de tirar a vida do seu semelhante, esquecendo que todos os homens são vocacionados à vida e que todos foram criados à imagem e semelhança de Deus, que soprou em nossas narinas o sopro da vida, o seu próprio *ruah*.

A vida é o dom inviolável e precioso e a missão do homem é a ela proteger e dela cuidar até o último instante, a fim de que todos tenham vida e vida em abundância. É esperado que ele se reconheça como um filho amado objeto de amor e seja livre para optar por Deus seu Criador.

Assim, o ser é criado para dar glória a Deus, como Ele mesmo nos fala em Is 43: “Todos os que são chamados pelo meu nome, os que criei para minha glória, os que formei e fiz.” Compreendemos que os olhos de Deus estão sempre voltados para o homem, não para castigá-lo, mas porque deseja a sua felicidade eterna.

Criados à imagem e semelhança de Deus, os seres humanos encontram sua felicidade e seu sentido nele pois na interioridade do homem está a saudade de Deus. Mesmo sendo frágil é dotado de um potencial divino e da vida espiritual que o faz próximo de Deus e permite que as relações sejam cultivadas com seu Criador e com os seus semelhantes. Deus chama o ser humano à vida e o homem vivendo segundo a vontade Dele alcança uma vida feliz e com sentido verdadeiro.

Face ao exposto, concluímos este escrito considerando que essa pesquisa é relevante para a sociedade, pois permite refletir a partir do que compreendemos sobre a vocação à vida expresso pelos autores científicos e bíblicos, bem como pelo expresso pelos alunos da Escola Dom João Antônio Farina (Vargem Grande – MA, 2023) a respeito de questões antropológicas profundas como: o que é o homem, a vida, a liberdade e a consciência.

Nesse sentido, o homem é um ser dotado de inteligência, razão e emoção, que é criado livre por Deus para fazer suas escolhas, usando a sua consciência orientada para o bem, ou seja, para fazer escolhas éticas em sua vida para ajudar a outras pessoas e a não viver só para si mesmo.

No entanto, é necessário que o ser humano tome consciência de sua grandeza e de sua dignidade originárias, e para tanto é capaz, porque é um ser dotado de habilidade e competência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Renaldo Elesbão. A empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 12, n. 48, 2014.

AUCANTE, Vicent. **Il discernimento secondo Edith Stein**. Che fare della propria vita? 2. ed. Cinisello Balsamo-Milano: Ed. San Paolo, 2014.

BATISTELLA, Fábio Jr.; ERTL, Edgar Xavier. **O homem criado à imagem e semelhança de Deus**. Aspecto da Antropologia Teológica. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://revistas-old.fapas.edu.br/litterarius/article/viewFile/32/50>. Acesso em: 14 maio 2023

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução *Dignitas Personae*** questões de bioética. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.

_____. **Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação**. Roma, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19870222_respect-for-human-life_po.html . Acesso em: 12 abr. 2023

CONSTITUIÇÃO *GAUDIUM ET SPES*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

DE FIORES, S.; GOFFI, T. (Orgs.). **Dicionário de espiritualidade**. Tradução de Edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB/ Paulinas/ Paulus, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004, 2120 p.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si***. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRACIANI, Maria Regina Ribeiro. **Perspectivas antropológico-cristãs**. Elementos de uma antropologia cristã na *Evangelii Gaudium*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, São Paulo, 2016.

GUARDINI, Romano. **O mundo e a pessoa**. Ensaio para uma doutrina cristã do homem. Tradução Fernando Gil. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

INSTRUÇÃO. **Sobre a liberdade cristã e a libertação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor hominis*** (Sobre o Redentor do Homem). São Paulo: Loyola, 1979.

_____. **Carta encíclica *Veritatis Splendor*** (acerca de algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja). São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

_____. **Exortação Apostólica *Christi Fideles Laici***: sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1989.

KUSANO, Mariana Bar. **Antropologia de Edith Stein**: entre Deus e a Filosofia. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução Álvaro Cunha *et al.* São Paulo: Paulus, 1983.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BIBLICA. **O que é o homem?** – Um itinerário de antropologia bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Tradução CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.

RUPNIK, Marko Ivan. **O caminho da vocação cristã**: de ressurreição em ressurreição. Tradução Cláudio Pedrini. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

_____. **Para uma antropologia de comunhão**. Vol. 1: pessoa, cultura da Páscoa. Tradução Antônio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein**: aproximação a um gesto antropológico integral. Tradução: Isabelle Sanchi [et al.]; revisão técnica Savian Filho. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**: um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Coord. João Ricardo Moderno. Tradução Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____. **A mulher:** sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução Alfred Keller. EDUSC, 1999.

VENTURA, Luis Henrique Pontes. Os elementos essenciais do Homem. **RevEleTeo** PUC-SP, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 51-71, Jul/Dez 2020.